

IV

Congresso Norte-Nordeste da



ABRAPLIP

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
Omar Abdel Aziz | Governador
José Melo de Oliveira | Vice-Governador
Odenildo Teixeira Sena | Secretário de C&T
Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro Simão | Diretora-Presidente FAPEAM

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
José Aldemir de Oliveira | Reitor
Marly Guimarães Fernandes Costa | Vice-Reitora

EDITORA UNIVERSITÁRIA
Otávio Rios Portela | Diretor
Juliana Sá | Assessora Técnica
Lorena Nobre Tomás | Chefe do Núcleo de Revisão
Gilson Chaves | Revisor
Luciana Braga | Designer

CONSELHO EDITORIAL
Ademir Castro e Silva | Cristiane da Silveira
Maria da Graças Vale Barbosa | Otávio Rios Portela (Presidente)
Patrícia Melchionna Albuquerque | Sergio Duvoisin Junior
Silvana Andrade Martins | Simone Cardoso Soares | Valmir César Pozzetti

REVISÃO TÉCNICA
Veronica Prudente

REVISÃO FINAL
Gilson Chaves

Todos os Direitos Reservados © Universidade do Estado do Amazonas.
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte.

RIOS, Otávio & PRUDENTE, Veronica. IV Congresso Norte-
Nordeste da ABRAPLIP: livro de resumos. Manaus: UEA Edições;
ABRAPLIP: Manaus; Campo Grande, 2012.
ISBN 978-85-7883-215-5

UEA EDIÇÕES
Av. Djalma Batista, 3578 - Flores | Manaus - AM - Brasil
Cep 69050-010 | (92) 3878.4463

Livro de Resumos

IV Congresso Norte-Nordeste da **ABRAPLIP**

Otávio Rios
Veronica Prudente
Organizadores



EXPEDIENTE DO IV CONGRESSO
NORTE-NORDESTE DA ABRAPLIP

DIRETORIA DA ABRAPLIP

2012/2013

PRESIDENTE:

Rosana Zanelatto Santos (UFMS)

VICE-PRESIDENTE:

Otávio Rios (UEA)

PRIMEIRO-SECRETÁRIO:

José Batista de Sales (UFMS)

SEGUNDO-SECRETÁRIO:

Jorge Valentim (UFSCar)

PRIMEIRO-TESOUREIRO:

Wellington Furtado Ramos (UFMS)

SEGUNDA TESOUREIRA:

Lucilene Soares da Costa (UEMS)

PRIMEIRA-SECRETÁRIA ADJUNTA:

Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

SEGUNDO-SECRETÁRIO ADJUNTO:

Edvaldo Bergamo (UnB)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Veronica Prudente (Presidente)

Otávio Rios (Vice-Presidente)

Cristiane da Silveira

Débora de Lima Santos

Elaine Andreatta

Kenedi Santos Azevedo

Mariana Marques de Oliveira

COMITÊ CIENTÍFICO

Francisco Ferreira de Lima (UEFS)

Germana Maria Araújo Sales

(UFPA/CNPq)

José Rodrigues de Paiva (UFPE)

Luciana Marino do Nascimento

(UFAC)

Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

Márcio Coelho Muniz (UFBA/CNPq)

Maria Elvira Brito Campos (UFPI)

Maria Lúcia Dal Farra (UFBA/CNPq)

Rosana Cristina Zanelatto Santos

(UFMS/CNPq/ ABRAPLIP)



MONITORES

Aline Beatriz Braga de Souza

Ana Noelia Dias Nates

Cristina César Corrêa

Débora Renata de Freitas Braga

Eduardo de Alencar Serudo

Eleonara Castro da Silva

Eliete da Costa Queiroz

Esmeralda Frota Ferreira

José Francisco Barros de Araújo

Josiane Saquiray Pinho

Leandro Da Vinci Babilônia Brandão

Márcia Regina Guedes de Menezes

Maria Cristalina Silva Santos

Patrícia Maria da Silva Ferreira

Renata Fabiane Mello

Valéria Gonçalves de Menezes

Ytanajé Coelho Cardoso



Sumário

PROGRAMAÇÃO 15

RESUMOS 25

ESCRITOS DA SELVA: biografia, memória e testemunho em Ferreira de Castro e Pepetela 27

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues – UFAM/FAPEAM

O PLANALTO E A ESTEPE sob a percepção da paisagem 27

Alessandro Barnabé Ferreira Santos – PIBIC/UFMA

Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA

O ESCRITOR NO ESPAÇO DA OBRA: o rosto caligrafado 28

Ana Cristina Joaquim – USP

O NARRADOR COLETIVO: memória, literatura e história em Memorial do Convento 29

Ana Maria Cavalcante de Lima – UFC

NOTAS SOBRE? Romance Íntimo 29

Andrea Cristina Muraro – UnIA

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM EM A SELVA: A experiência de um português na Amazônia Brasileira, durante a decadência do ouro negro 30

Antonio Cordeiro Feitosa – UFMA

A ENGENHARIA DO SONETO EM E. M. DE MELO E CASTRO 30

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte – USP

“DESCULPE, MÃE!” UMA NOVELA EPISTOLAR 31

Auriclea Oliveira das Neves – UNINORTE

AS CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-PORTUGUESAS E A EDUCAÇÃO FEMININA 32

Bianca Costa Ramos Silva – UFBA

ANA LUÍSA AMARAL: a releitura do cânone ocidental e sua reterritorialização 32
Camila do Valle – UFRRJ

O ABRASAMENTO SEXUAL NOS SERINGAIS AMAZÔNICOS, POR FERREIRA
DE CASTRO E ALBERTO RANGEL 33
Carlos Antônio Magalhães Guedelha – UFSC/UFAM

O EROTISMO EM LUIZA NETO JORGE: a corporeidade do poema 34
Carolina Alves Ferreira de Abreu – UFAM
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM

ÁLVARO DE CAMPOS: o homem da modernidade 34
Catarina Lemes Pereira – UFAM
Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM

CESÁRIO VERDE E A PALAVRA POÉTICA DA MODERNIDADE: entre a poesia
do mundo e o mundo da poesia 35
Cátia Monteiro Wankler – UFRR

O FRAGMENTO, A IMPOSSIBILIDADE, O SILÊNCIO E O NEUTRO NA PROSA
CONTEMPORÂNEA DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES 35
Cid Ottoni Bylaardt – UFC

A MÚSICA DE CASIMIRO DE BRITO E DE ZEMARIA PINTO 36
Cinelândia de Oliveira Vilacorte – UFAM
Cláudio Sampaio Barbosa – UFAM

O DESENVOLVIMENTO CONTEMPORÂNEO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA
AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA 37
Clecio Marques dos Santos – UFMA
Flavia Regina Neves da Silva – UFMA
Mayara Crystina Rego da Silva – UFMA
Conceição de Maria de Araujo Ramos – UFMA

SOB(RE) RUÍNAS: silêncio e palavra em *Antes de nascer o mundo e Cinzas do Norte*
37
Cristiana Mota – UEA

O CUIDAR E O SUSPIRAR NOS AUTOS ANÔNIMOS PORTUGUESES DO SÉC XVI 38

Danilo de Sousa Villa – UFBA

Márcio Coelho Muniz – CNPq / UFBA

PRÓSPERO E CALIBAN N’A SELVA 39

Débora Renata de Freitas Braga – UEA

A VISÃO DE WILKENS SOBRE A FIXAÇÃO PORTUGUESA NA AMAZÔNIA 39

Débora de Lima Santos – UEA

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM *QUEM ME DERA SER ONDA* 40

Débora Feitosa Azevedo – UEA

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

O LUGAR DE ENUNCIÇÃO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: a literatura periférica 41

Delma Pacheco Sicsú – UEA

MÁGICA: TEATRO MUSICAL SATÍRICO, COM ELEMENTOS FANTÁSTICOS, NA PAISAGEM DE LISBOA (EÇA DE QUEIROZ) 41

Denise Rocha – UNESP-Assis

O LABIRINTO DA MEMÓRIA EM “O ARQUIPÉLAGO DA INSÔNIA” DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES 42

Dilce Pio Nascimento – UEA

“O POEMA FAZ-SE CONTRA A CARNE E O TEMPO”, EM: Herberto Helder 43

Djanine Aleonora Belém Gomes – UFBA

ÊXODOS E RETORNOS CULTURAIS ENTRE ÁFRICA E PORTUGAL: uma leitura do romance *As Naus*, de António Lobo Antunes 43

Egberto Guimarães Seixas – UFBA

Maria de Fátima Maia Ribeiro – UFBA

O ATO DE (DES)MASCARAR O CORPO EM CORPO-SANTO E BERNARDO SANTARENO 44

Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM

JOGO DE BICHOS 45

Emerson da Cruz Inacio - USP

POR UMA APROXIMAÇÃO À LITERATURA MENOR: Escriturários, Bibliotecários, Mordomos e afins na contracorrente do culto à celebridade na Arte Contemporânea 45

Ermelinda Maria Araújo Ferreira - UFPE

A SELVA: Narrativa Literária & Narrativa Histórica 46

Fabiana Santos Martins - UEA

A MULHER DO MÉDICO: a heroína d'ó ensaio sobre a cegueira, de José Saramago 46

Fabíola Tânia Leitão Eulálio - UFPI

REPRESENTAÇÕES DE VIVÊNCIAS: uma leitura existencialista da crônica Em caso de acidente, de Antonio Lobo Antunes 47

Francisca Marciely Alves Dantas - UFPI

Maria Elvira Brito Campos - UFPI

ANTÔNIO PATRÍCIO: diálogos com Nietzsche e com o decadentismo de final de século 47

Francisco Araújo - UEA

Otávio Rios - UEA

DA VIDA COMO ELA É À VIDA QUE DEVERIA SER: utopias proletárias em Jorge Amado e Alves Redol 48

Francisco Ferreira de Lima - UEFS

INTERNOS E INTERNADOS: educação e memorialismo em Raul Pompéia e Vergílio Ferreira 49

Franco Baptista Sandanello - UNESP/ FCLAr

RESISTÊNCIA E AFETOS - TRAJETÓRIA POÉTICA DE MARIA 49

Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque - UFAM

AS PERSONAGENS FEMININAS EM TEOLINDA GERSÃO E CLARICE LISPECTOR: buscando aproximações 49

Geisiane Dias Queiroz - UFPI

Maria Elvira Brito Campos - UFPI

O ROMANCE PORTUGUÊS EM TRÂNSITO PARA O BRASIL: as edições na seção folhetim no final do século XIX 50

Germana Maria Araújo Sales – UFPA/CNPq

O MITO EM *PASSOS DA CRUZ*, DE FERNANDO PESSOA ORTÔNIMO E *APARIÇÃO DO CLOWN*, DE LUIZ RUAS 50

Hervelyn Tatyane dos Santos Ferreira – UFAM

Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM

O BELO ORDENADO EM SOPHIA ANDRESEN 51

Isadora Santos Fonseca – UFAM

Rita do Perpétuo S. B. de Oliveira – UFAM

A PRODUÇÃO DE GOMES DE AMORIM SOBRE A AMAZÔNIA 52

Iziane Meireles – UEA

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

AS IMAGENS DE PORTUGAL NO ROMANCE HISTÓRICO DE PINHEIRO CHAGAS 52

Jane Adriane Gandra – UEG

PESSOAS EM FERNANDO – UM DRAMA EM GENTE 53

Jesua da Silva Maia – UFAM

O SENSACIONISMO DE ALBERTO CAEIRO 53

João Paulo Cardoso Alves – UFAM

Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM

MÃE: o novo parto da Língua Portuguesa 54

Joilson Mendes Arruda – UNIR

O RETORNO DO ÉPICO 55

Jorge Fernandes da Silveira – UFRJ

AS RELAÇÕES DE PODER E SUBMISSÃO, EM *UM RIO CHAMADO TEMPO*, *UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO 55

José Benedito do Santos – UFAM

A NARRATIVA BREVE DE TEOLINDA GERSÃO: UM DIÁLOGO ENTRE O REAL E O FANTÁSTICO 56

José Rodrigues de Paiva – UFPE

LIRISMO E NARRATIVIDADE: a prosa poética de Mário de Sá-Carneiro 56

Karine Costa Miranda – UFPI

ALBERTO E ANTONIO BACELAR: o erotismo em devaneio 57

Kenedi Santos Azevedo – UERJ/UFAM

EM BUSCA DA ORIGEM PELA ORALIDADE 57

Keila Cirqueira Cardoso Nunes – UFAM

OS MAIAS DE MARIA ADELAIDE AMARAL: Releituras em torno da composição da mulher e da condução da narrativa de Eça de Queirós 58

Kyldes Batista Vicente – Unitins

UM HOMEM SORRI À MORTE – COM MEIA CARA: Exílio, memória e autobiografia em José Rodrigues Miguéis 58

Laerte Fernando Levai – USP

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE LOBO ANTUNES EM OS CUS DE JUDAS: uma análise narrativa e ficcional 59

Lila Léa Cardoso Chaves Costa – UFPI

O TEATRO QUINHENTISTA NO SÉCULO XXI: um diálogo entre dois tempos
Lucila Vieira – PIBIC/UFBA 60

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq

A TRAGÉDIA ENTRE IRMÃOS RECONTADA EM *CAIME* E *EM DOIS IRMÃOS* 60

Luziane Jaques Dantas – UEA

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRRJ

CULTURA, LÍNGUA E LITERATURA: danças, polissemias e narrativas orais como Vozes Lusófonas na Região do Médio Solimões 61

Manoel Domingos de Castro Oliveira – UEA

HENRIQUETA LISBOA E SOPHIA DE MELLO ANDRESEN: diálogo e concepção do fazer poético simbolizado pela morte 62

Marcia de Mesquita Araújo – UFC

Cid Ottoni Bylaardt- UFC

“A FRATURA INCURÁVEL” EM *A SELVA*: FERREIRA DE CASTRO E A EXPRESSÃO DA TOPOFILIA 62

Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA

REFLEXÕES SOBRE O CÂNONE DA DRAMATURGIA PORTUGUESA NO SÉC. XVI 63

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq

DOIS ESCRITORES PORTUGUESES NO AMAZONAS 63

Marcos Frederico Krüger Aleixo – UFAM

AS TOADAS DE BOI BUMBÁ E AS CANTIGAS MEDIEVAIS 64

Maria Celeste de Souza Cardoso – UEA

FERNANDO AGUIAR E ARNALDO ANTUNES: palavra poética para além da escrita 64

Maria das Graças Vieira da Silva – UFAM

MEMÓRIAS DE MIGRAÇÕES E A INSERÇÃO DE “RETORNADOS” EM NARRATIVAS PORTUGUESAS CONTEMPORÂNEAS: o Tibete de África (Paredes, 2006); os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal (Exposição, Cncdp, 2000); o esplendor de Portugal (Antunes, 1988) 65

Maria de Fátima Maia Ribeiro – UFBA

EUGENIO EM VISITA A HELDER 66

Maria de Pompéia Duarte Santana e Souza – UCSAL

CRÔNICA E TEMPO: Lobo Antunes Revisitado 67

Maria Elvira Brito Campos – UFPI

UMA VIAGEM À ÍNDIA, DE GONÇALO M. TAVARES: UMA EPOPEIA CONTEMPORÂNEA 67

Maria Isabel da Silveira Bordini – UFPR

FLORBELA E PESSOA: um caso de amor?! 67

Maria Lúcia Dal Farra – UFS/CNPq

BRINQUEDO DE PALAVRAS 68

Maria Sebastiana de Moraes Guedes – UFAM

A MORTE COMO FIM E A ETERNIDADE DA VIDA EM *APARIÇÃO* 69

Mariana Marques de Oliveira – UFRJ/FAPEAM

SOPHIA ANDRESEN E ASTRID CABRAL NO INTERVALO DA VIDA E MORTE 69

Maria Socorro da Silva Dantas – UFAM

Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM

A BIOLOGIA DA MEMÓRIA NOS POEMAS DE REIS-SÁ 70

Matheus José Santos da Silva – UFAM

Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM

O EROTISMO: da criação à manifestação do desejo e sedução na poesia hatherliana 70

Matthews Carvalho Rocha Cirne – UFAM

Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM

PORTUGAL EM REVISTA: o romance de Lúdia Jorge (1980-2011) 71

Mauro Dunder – USP

TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM FREI LUÍS DE SOUSA 72

Mayara Gonçalves Rodrigues – UEA

Veronica Prudente Costa– UEA/UFRJ

A CONFIGURAÇÃO DA PERSONAGEM DO PARVO NO AUTO DA AVE MARIA DE ANTÔNIO PRESTES 72

Mayara Rosa Lima de Souza – UFBA/ FAPESB

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/ CNPq

O ESPAÇO INTERCULTURAL NA POESIA DE CASIMIRO DE BRITO: UM LEGADO PARA SE PENSAR O PRESENTE 73

Monica Simas – USP

ROMANCE PORTUGUÊS: ALGUNS APONTAMENTOS 73

Moizeis Sobreira de Sousa – USP/FAPESP

ELEMENTOS HISTÓRICO-SOCIAIS E A INFLUÊNCIA GREGA NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN NO POEMA “CANTAR” 74

Nathalia Macri Nahas – USP

O ROMANCE-FOLHETIM LUSÓFONO NO JORNAL DIÁRIO DO GRAM-PARÁ
DO SÉCULO XIX 74

Neila Mendonça Garcês Lima – UFPA

TRAVESSIAS DO “BARCO NEGRO” – O SEQUESTRO DA MÃE NEGRA 75

Osmar Pereira Oliva – Unimontes

UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE CONTOS EXEMPLARES 76

Priscila Gomes Rodrigues – UFAM

UM OLHAR SOBRE O FIM-DE-SÉCULO EM PORTUGAL: o caso de O Barão de
Lavos 76

Otávio Rios – UEA

DA AUTENTICIDADE E MÁ-FÉ COMO CONCEITOS EXISTENCIALISTAS EM
UMA CRÔNICA OU LÁ O QUE É DE ANTONIO LOBO ANTUNES 77

Rafael Gonçalves Freire – UFPI

Maria Elvira Brito Campos –UFPI

O RISO QUE ECOA NO TEATRO BILÍNGUE DE SIMÃO MACHADO 77

Renata Brito dos Reis – UFBA/ CNPq

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq

INQUIETAÇÕES DE ENSINO: quem lê a novíssima produção Literária Portu-
guesa? 78

Rita Aparecida Coelho Santos – UNEB

OLHARES PERDIDOS ENTRE FANTASMAS E O NÚCLEO DA VIDA 78

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM

CALEIDOSCÓPIO DA POESIA PORTUGUESA DO FINAL DO SÉCULO XX 79

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM

NUNO JÚDICE E AS CONCEPÇÕES DO AMOR 79

Salomão de Oliveira Praia – UFAM

Rita do Perpétuo S. B. de Oliveira – UFAM

NARRATIVAS FICCIONAIS PORTUGUESAS EM FOLHETIM N’A PROVÍNCIA
DO PARÁ (1880-1889) 80

Sara Vasconcelos Ferreira –UFPA/CNPq

Germana Maria Araújo Sales – UFPA/CNPq

CAMILO CASTELO BRANCO E JOSÉ DO TELHADO: a construção do herói ambivalente 81

Silvana Bento Andrade – UTAD

“CHEIRE OS MEUS LENÇÓIS: CHEIRAM A INCENSO, A CERA DA IGREJA... NÃO CHEIRAM A HOMEM”: figurações do erotismo em *A Promessa*, de Bernardo Santareno 81

Solange Santos Santana – UFBA

TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM *OS LUSÍADAS*, *O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL* E *MENSAGEM*: uma breve (re)discussão do Cânone 82

Sônia Maria de Araújo Cintra – USP

A FANTÁSTICA LITANIA DA LINGUAGEM EM SÓBOLOS RIOS QUE VÃO, DE LOBO ANTUNES 82

Sônia Maria Vasques Castro – UFAM

TAL ADÃO QUAL COSTELA, AS PERSONAGENS FEMININAS DE O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS 86

Soraia Lima Arabi – UFMT/UnB

DIZENDO POEMAS E NARRATIVAS NO PROJETO FIO DE LINHO DA PALAVRA: a expressão verbal e corporal 84

Suely Barros Bernardino da Silva – UEA

SILVESTRE DA SILVA: um romântico diante da realidade 85

Tânia Rodrigues Prado – UEA

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

CORPOS (IM)/(PRE)VISÍVEIS NA POESIA DE ANA PAULA TAVARES E MARIA TERESA HORTA 85

Tatiana Pequeno – UFRB

TÓPICAS CLÁSSICAS E LÍRICA MAIOR NOS AUTOS ANÔNIMOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI 86

Thiago de Moura Andrade – UFBA/CNPq

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq

A CRÍTICA À SOCIEDADE MEDIEVAL PORTUGUESA NO *AUTO DA BARCA DO INFERNO* DE GIL VICENTE 87

Thyaggo Kauwhê José Leite Mesquita – UFAM

Maria Sebastiana de Morais Guedes – UFAM

RELAÇÃO ENTRE LITERATURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA: representações da inquisição em Miguel Torga 87

Vagner da Silva Ferreira – UEMS

AMOR E EROTISMO NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA 88

Valéria Menezes – UEA

Otávio Rios – UEA

O JOGO METALINGÜÍSTICO NA POESIA DE TANIA TOMÉ E DE ARNALDO ANTUNES 89

Valéria Moisin de Araújo – UFAM

Cláudio Sampaio Barbosa – UFAM

MIGUEL TORGA (1907-1995): imigrante adolescente na Zona da Mata Mineira 89

Vanda Arantes do Vale – UFJF

CAMPO X CIDADE: análise da paisagem através de uma leitura de *A Cidade e as Serras* 89

Vanessa Soeiro Carneiro – UFMA

Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA

HAGIOGRAFIA NOS AUTOS DE AFONSO ÁLVARES: um olhar além da devoção popular 90

Verônica Cruz Cerqueira – UFBA/CNPq

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq

O REVERSO DO ESPLENDOR: memórias, solidão e morte em *O esplendor de Portugal* de António Lobo Antunes 91

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

A PRESENÇA DE NIETZSCHE NUM CONTO DE ANTÓNIO PATRÍCIO 91

Ytanajé Coelho Cardoso – UEA/FAPEAM

Otávio Rios – UEA



Programação

IV CONGRESSO NORTE-NORDESTE DA ABRAPLIP

“Entre dois fins de século” – Manaus, 6 a 9 de novembro de 2012

06/11 – ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA [EST]

16h às 18h – Credenciamento

18h – Abertura solene do IV Congresso Norte-Nordeste da ABRAPLIP

18h30min – Homenagem a Eduardo Lourenço, por Camila do Valle (UFRRJ)

18h45min – Conferência de Abertura: Florbela e Pessoa: um caso de amor?!, por Maria Lúcia Dal Farra (UFS/CNPq). Mediação: Márcio Coelho Muniz (UFBA/CNPq)

20h – Lançamento de livros. Coordenação: Elaine Andreatta (UEA/UFAM) e Kenedi Santos Azevedo (UERJ/UFAM)

07/11 – ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA/ESCOLA NORMAL SUPERIOR [ENS]

8h – Café regional

8h30min – Mesa plenária 1: Ana Luísa Amaral: a releitura do cânone ocidental e sua reterritorialização, por Camila do Valle (UFRRJ), e *Corpos (im)(pre)visíveis* na poesia de Ana Paula Tavares e Maria Teresa Horta, por Tatiana Pequeno (UFRB). Mediação: Emerson da Cruz Inácio (USP)

10h – Intervalo

10h30min – Mesa plenária 2: A narrativa breve de Teolinda Gersão, um diálogo entre o real e o fantástico, por José Rodrigues de Paiva (UFPE), e “A fratura incurável” em A selva: Ferreira de Castro e a expressão da topofilia, por Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA). Mediação: Rosana Zanelatto (UFMS/CNPq/ABRAPLIP)

12h às 14h – Intervalo para almoço

[ENS]14h às 15h30min – Sessões de comunicações

[ENS]15h30min às 16h – Exposição de banners. Coordenação: Cristiane da Silveira (UEA)

16h às 16h30min – Intervalo

[ENS]16h30min às 18h30min – Sessões de comunicações

18h 30min – Ciclo de cinema português

08/11 – ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA/ESCOLA NORMAL SUPERIOR
8h – Café regional

8h30min – Mesa plenária 3: Reflexões sobre o cânone da dramaturgia portuguesa no século XVI, por Márcio Coelho Muniz (UFBA/CNPq), e O romance português em trânsito para o Brasil: as edições na seção folhetim no final do século XIX, por Germana Araújo Sales (UFPA/CNPq). Mediação: Maria Lúcia Dal Farra (UFS/CNPq)

10h – Intervalo

10h30min – Mesa plenária 4: Caleidoscópio da poesia portuguesa do final do século XX, por Rita Barbosa de Oliveira (UFAM), e Cesário Verde e a palavra poética da modernidade: entre a poesia do mundo e o mundo da poesia, por Cátia Wankler (UFRR). Mediação: Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

12h às 14h – Intervalo para almoço

[ENS]14h às 15h30min – Sessões de comunicações

[ENS]15h30min às 16h – Exposição de banners. Coordenação: Cristiane da Silveira (UEA)

16h às 16h30min – Intervalo

[ENS]16h30min às 18h30min – Sessões de comunicações

20h – Jantar por Adesão

09/11 – ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA

8h – Café regional

8h30min – Mesa plenária 5: O fragmento, a impossibilidade, o silêncio e o neutro na prosa contemporânea de António Lobo Antunes, por Cid Ottoni Bylaardt (UFC), e Crônica e tempo: Lobo Antunes revisitado, por Maria Elvira Brito Campos (UFPI). Mediação: Veronica Prudente (UEA/UFRJ/ABRAPLIP)

10h – intervalo

10h30min - Assembleia da ABRAPLIP: os rumos do V Congresso Norte-Nordeste (2014). Coordenação: Otávio Rios (UEA/ABRAPLIP)

11h30min – Conferência de Encerramento: Da vida como ela é à vida que deveria ser: utopias proletárias em Jorge Amado e Alves Redol, por Francisco Ferreira de Lima (UEFS). Mediação: José Rodrigues de Paiva (UFPE)

13h – Encerramento do IV Congresso Norte-Nordeste da ABRAPLIP

MESAS SEMIPLENÁRIAS, COMUNICAÇÕES E SESSÕES COORDENADAS

ENS DIA 07/11/2012, DAS 14H ÀS 15H30MIN

(SALA 1) Mesa semiplenária 1 – A (meta)ficção historiográfica em Portugal

[Coordenação] Mauro Dunder (USP) - Portugal em revista: o romance de

Lídia Jorge (1980-2011)

Ana Maria Cavalcante de Lima (UFC) – O narrador coletivo: memória, literatura e história em Memorial do Convento

Jane Adriane Gandra (UEG) – As imagens de Portugal no romance histórico de Pinheiro Chagas

(SALA 2) Mesa semiplenária 2 – Relações literárias Portugal-Brasil-África

[Coordenação] Cristiana Mota (UEA) – Sob(re) ruínas: silêncio e palavra em Antes de nascer o mundo e Cinzas do Norte

Andrea Cristina Muraro (Universidade Independente de Angola) – Notas sobre ? Romance íntimo

José Benedito dos Santos (UFAM) – As relações de poder e submissão, em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto

Osmar Pereira Oliva (Unimontes) – Travessias do “Barco Negro”: o sequestro da mãe negra

(SALA 3) Sessão Coordenada 1 – Relações literárias Portugal – Brasil – África

[Coordenação] Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

Antonio Cordeiro Feitosa (UFMA) – A percepção da paisagem em A selva: a experiência de um português na Amazônia brasileira, durante a decadência do ouro negro

Alessandro Barnabé Ferreira Santos (UFMA) – O planalto e a estepe sob a percepção da paisagem

Vanessa Soeiro Carneiro (UFMA) – Campo X cidade: análise da paisagem através de uma leitura de A cidade e as serras

(SALA 4) Sessão de comunicações 1 – Tradição e modernidade na literatura portuguesa: (re)discussão do cânone

[Coordenação] Sônia Maria de Araújo Cintra (USP) – Tradição e modernidade em Os Lusíadas, O sentimento dum Ocidental e Mensagem: uma breve (re)discussão do cânone

Catarina Lemes (UFAM) – Álvaro de Campos, o homem da modernidade

Jesua da Silva Maia (UFAM) – Pessoas em Fernando: um drama em gente

Maria das Graças Vieira da Silva (UFAM) – Fernando Aguiar e Arnaldo Antunes: palavra poética para além da escrita

(SALA 5) Sessão de comunicações 2 – Margens e periferias na literatura portuguesa

[Coordenação] Karine Costa Miranda (UFPI) – Lirismo e narrativa: a prosa poética de Mário de Sá-Carneiro

Francisco Araújo (UEA) – António Patrício: Diálogos com Nietzsche e com

o decadentismo de final de século

Ytanajé Coelho Cardoso (UEA) – A presença de Nietzsche num conto de António Patrício

(SALA 6) Sessão de comunicações 3 - Poesia 61 e seus desdobramentos na contemporaneidade

[Coordenação] Marcia de Mesquita Araújo (UFC) - Henriqueta Lisboa e Sophia de Mello Andresen: diálogo e concepção do fazer poético simbolizado pela morte

Isadora Santos Fonseca (UFAM) – O belo ordenado em Sophia Andresen
Nathalia Macri Nahas (USP) - Elementos histórico-sociais e a influência grega na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen no poema “Cantar”

ENS DIA 07/11/2012, DAS 16H30MIN ÀS 18H30MIN

(SALA 1) Mesa semiplenária 1 - Memória, autobiografia e testemunho em narrativas portuguesas

[Coordenação] Maria de Fátima Maia Ribeiro (UFBA) - Memórias de migrações e a inserção de “retornados” em narrativas portuguesas contemporâneas:

Ana Cristina Joaquim (USP) - O escritor no espaço da obra: o rosto caligrafado

Dilce Pio Nascimento (UEA) – O labirinto da memória em O Arquipélago da Insónia, de António Lobo Antunes

(SALA 2) Mesa semiplenária 2 - Memória, autobiografia e testemunho em narrativas portuguesas

[Coordenação] Mariana Marques de Oliveira (UFRJ) - A morte como fim e a eternidade da vida em Aparição

Franco Baptista Sandanello (Unesp-Araraquara) - Internos e internados: educação e memorialismo em Raul Pompéia e Vergílio Ferreira

Laerte Fernando Levai (USP) - Um homem sorri à morte – com meia clara: exílio, memória e autobiografia em José Rodrigues Miguéis Mariana

(SALA 3) Mesa semiplenária 3 - Estudos oitocentistas: ecos e reverberações

[Coordenação] Kyldes Batista Vicentes (UNITINS) – Os Maias de Maria Adelaide Amaral: releituras em torno da composição da mulher e da condição feminina na narrativa de Eça de Queirós

Denise Rocha (Unesp-Assis): Mágica: teatro musical satírico, com elementos fantásticos, na paisagem de Lisboa (Eça de Queiroz)

Moizeis Sobreira de Sousa (USP) - Romance português: alguns apontamentos

Silvana Bento Andrade (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
- Camilo Castelo Branco e José do Telhado: a construção do herói ambivalente

(SALA 4) Sessão coordenada 1 - Tradição e modernidade na literatura portuguesa: (re)discussão do cânone

[Coordenação] Marcos Frederico Krüger (UFAM) - Dois escritores portugueses no Amazonas

Auriclêa Neves (Uninorte) - “Desculpe, mãe!”, uma novela epistolar

Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque (UFAM) - Resistência e Afetos: trajetória poética de Maria Teresa Horta

Rita Barbosa de Oliveira (UFAM) - Olhares perdidos entre fantasmas e o núcleo da vida

(SALA 5) Sessão de comunicações 1 - Tradição e modernidade na literatura portuguesa: (re)discussão do cânone

[Coordenação] Bianca Costa Ramos Silva (UFBA) - As cantigas satíricas galego-portuguesas e a educação feminina

Danilo de Sousa Villa (UFBA) - O Cuidar e o Suspirar nos autos anônimos portugueses do século XVI.

Lucila Vieira (UFBA) - O teatro quinhentista no século XXI: um diálogo entre dois tempos

Thyago Kauwhê José Leite Mesquita (UFAM) - A crítica à sociedade medieval portuguesa no Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente.

Verônica Cruz Cerqueira (UFBA) - Hagiografia nos autos de Afonso Álvares: um olhar além da devoção popular

(SALA 6) Sessão de comunicações 2 - A presença portuguesa na Amazônia: autores e obras

[Coordenação] Neila Mendonça Garcês Lima (UFPA) - O romance e de folhetim lusófono no jornal Diário do Gram-Pará do século XIX

Débora de Lima Santos (UEA) - A visão de Wilkens sobre a fixação portuguesa na Amazônia

Fabiana Santos Martins (UEA) - A selva: narrativa literária e narrativa histórica

Iziane Meireles da Silva (UEA) - A produção de Gomes de Amorim sobre a Amazônia

(SALA 1) Mesa semiplenária 1 - Tradição e modernidade na literatura portuguesa: (re)discussão do cânone

[Coordenação] Emerson da Cruz Inácio (USP) – Jogo de Bichos
Débora Renata de Freitas Braga (UEA) – Próspero e Caliban n’ A selva
Vanda Arantes do Vale (UFJF) – Miguel Torga (1907-1995):
imigrante adolescente na Zona da Mata Mineira

(SALA 2) Mesa semiplenária 2 - A novíssima produção literária em Portugal

[Coordenação] Ermelinda Maria Araújo Ferreira (UFPE) – Por uma aproximação à literatura menor: escriturários, bibliotecários, mordomos e afins na contracorrente do culto à celebridade na arte contemporânea
Fabiola Tânia Leitão Eulálio (UFPI) - A mulher do médico: a heroína d’O ensaio sobre a cegueira, de José Saramago
Soraia Lima Arabi (UFMT/UnB) - Tal adão qual costela, as personagens femininas de O vento assobiando nas ruas

(SALA 3) Sessão Coordenada 1 - Relações literárias Portugal-Brasil-África

[Coordenação] Maria Sebastiana de Moraes Guedes (UFAM) – Brinquedo de palavras
Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (UFAM) – Escritos da selva: biografia, memória e testemunho em Ferreira de Castro e Pepetela
Keyla Cardoso (SEDUC/UFAM) – Em busca da origem pela oralidade

(SALA 4) Sessão de comunicações 2 - A novíssima produção literária em Portugal

[Coordenação] Lila Léa C. C. Costa (UFPI) – A produção literária de Lobo Antunes em Os cus de Judas: uma análise narrativa e ficcional
Maria Isabel da Silveira Bordini (UFPR) – Uma Viagem à Índia, de Gonçalo M. Tavares: uma epopeia contemporânea
Rita Aparecida Coelho Santos (UNEB) - Inquietações de ensino: quem lê a novíssima produção literária portuguesa?

(SALA 5) Sessão de comunicações 3 - Relações literárias Portugal-Brasil-África

[Coordenação] Delma Pacheco Sicsú (UEA) – O lugar da enunciação da literatura contemporânea: a literatura periférica
Clecio Marques dos Santos Flavia, Regina Neves da Silva e Mayara Crystina Rego da Silva (UFMA) – O desenvolvimento contemporâneo da produção literária africana de língua portuguesa
Débora Feitosa Azevedo (UEA) – Representações femininas em Quem me

dera ser onda

Luziane Jaques Dantas (UEA) - A tragédia entre irmãos recontada em Caim e em Dois Irmãos

ENS DIA 08/11/2012, DAS 16H30MIN ÀS 18H30MIN

(SALA 1) Mesa semiplenária 1 - Poesia 61 e seus desdobramentos na contemporaneidade

[Coordenação] Monica Simas (USP) - O espaço intercultural na poesia de Casimiro de Brito: um legado para se pensar o presente

Antonio Vicente Pietroforte (USP) - A engenharia do soneto em E. M. de Melo e Castro

Djanine Aleonora Gomes (UFBA) - “O poema faz-se contra a carne e o tempo”, em Herberto Helder

Maria de Pompéia Duarte Santana e Souza (UCSAL) - Eugenio visitado por Helder

(SALA 2) Sessão coordenada 1 - Relações literárias Portugal - Brasil - África

[Coordenação] Elaine Pereira Andreatta (UEA/UFAM) - O ato de (des) mascarar o corpo em Qorpo-Santo e Bernardo Santareno

Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM) - O abrasamento sexual nos seringais amazônicos, por Ferreira de Castro a Alberto Rangel

Kenedi Santos Azevedo (UERJ/UFAM) - Al Berto e Antonino Bacelar: o erotismo em devaneio

Solange Santos Santana (IFBA/UFBA) - “Cheire os meus lençóis: cheiram a incenso, a cera da Igreja... não cheiram a homem”: figurações do erotismo em A Promessa, de Bernardo Santareno

(SALA 3) Sessão de comunicações 1 - Tradição e modernidade na literatura portuguesa: (re)discussão do cânone

[Coordenação] Mayara Rosa Lima de Souza (UFBA): A configuração da personagem do parvo no *Auto da Ave Maria* de Antonio Prestes

Mayara Gonçalves Rodrigues (UEA) - Tradição e modernidade em Frei Luís de Sousa

Renata Brito dos Reis (UFBA) - O riso que ecoa no teatro bilíngue de Simão Machado

Thiago de Moura Andrade (UFBA) - Tópicas clássicas e lírica maior nos autos anônimos portugueses do século XVI

(SALA 4) Sessão de comunicações 2 - A literatura de autoria feminina

[Coordenação] Valéria Gonçalves de Menezes (UEA) – Amor e erotismo na poesia de Florbela Espanca

Geisiane Dias Queiroz (UFPI) - As personagens femininas em Teolinda Gersão e Clarice Lispector: buscando aproximações

Matthews Cirne (UFAM) – O erotismo: da criação à manifestação do desejo e sedução na poesia hatherliana

Priscila Gomes Rodrigues (UFAM) – Uma leitura foucaultiana de Contos Exemplares

(SALA 5) Sessão de comunicações 3 - A presença portuguesa na Amazônia: autores e obras

[Coordenação] Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA) – As toadas de Boi Bumbá e as cantigas medievais

Manoel Domingos de Castro Oliveira/Yomarlei Lopes Holanda (UEA) – Cultura, língua e literatura: danças, polissemias e narrativas orais como vozes lusófonas na região do Médio Solimões

Sara Vasconcelos Ferreira (UFPA) – Narrativas ficcionais portuguesas em folhetim n' A província do Pará (1880-1889)

Suely Barros Bernardino da Silva (UEA) – Projeto recital de textos poéticos: uma experiência

(SALA 6) Sessão de comunicações 4 - A novíssima produção literária em Portugal

[Coordenação] Francisca Marciely Alves Dantas (UFPI) – Representações de vivências: uma leitura existencialista da crônica “Em casa de Acidente” de Antonio Lobo Antunes

Egberto Guimarães Seixas (UFBA) - Êxodos e Retornos culturais entre África e Portugal: uma leitura do romance As Naus, de António Lobo Antunes

Sônia Maria Vasques Castro (UFAM) – A fantástica litania da linguagem em Sôbolos rios que vão, de Lobo Antunes

Rafael Gonçalves Freire (UFPI) – Da autenticidade e má-fé como conceitos existencialistas em Um crônica ou lá o que é de Antonio Lobo Antunes



Resumos

ESCRITOS DA SELVA: biografia, memória e testemunho em Ferreira de Castro e Pepetela

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues – UFAM/FAPEAM
adrianaguiairodrigues@gmail.com

Roland Barthes, em 1968, propôs que o escritor existe somente quando do nascimento da obra literária, isto é, apenas num aqui e agora da enunciação. Michel Foucault, um ano depois, defendia que o lugar antigamente ocupado pelo autor encontra-se agora vazio. A despeito da “rejeição” das marcas biográficas nos anos estruturalistas, tem sido sintomático o fato de que, desde as últimas décadas do século XX, a presença de um eu ou a relação entre autor e escrita tornaram-se menos latentes, de modo que as marcas biográficas no texto literário têm instigado a alguns pesquisadores. Nessa linha, teóricos como Philippe Lejeune, Beatriz Sarlo e Diane Klinger, sustentam a revalorização das experiências subjetivas e da memória como suportes do texto na atualidade. Partindo desse contexto, o artigo propõe uma leitura dos arquivos de Ferreira de Castro e de Pepetela: o primeiro, português, autor do romance *A Selva*, escrito a partir de suas experiências num seringal às margens do Rio Madeira, interior do Amazonas; o segundo, angolano, autor de *Mayombe*, escrito nos anos em que atuou como paramilitar nas florestas de Cabinda. De tal modo, o objetivo da comunicação é analisar a representação dos arquivos pessoais desses dois escritores de língua portuguesa, bem como suas implicações no processo de criação estética, apontando como autoria, sujeito biográfico e experiência traumática entremeiam, não só a escrita literária dos mesmos, como também a produção crítica acerca de seus romances.

O PLANALTO E A ESTEPE sob a percepção da paisagem

Alessandro Barnabé Ferreira Santos – PIBIC/UFMA
alessandrofbfs@gmail.com

Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA
marciamanir@hotmail.com

Julio e Sarangerel, indivíduos de nações distintas e que são compelidos a vivenciarem, distantes um do outro, a terrível experiência do exílio. São eles as figuras centrais de *O planalto e a estepe*, obra lançada em 2009

pelo escritor angolano Pepetela, que protagonizam uma linda história de amor e separação, a partir de um cenário recente da nossa História. Ele, de Angola, e ela, da Mongólia, muito embora nutram por suas respectivas terras natais um forte laço de amor, *topofilia*, tornam-se, para si, seus próprios lugares de acolhimento/afetividade; quando são separados, por questões políticas, tornam-se seres fraturados, longe de seus lares. Julio e Sarangerel vivem, portanto, a experiência do exílio e toda a dor que essa “fratura incurável”, como nos diz Said (2008), provoca nos sujeitos que a ela são compelidos. Pretendemos, pois, realizar uma leitura da espacialidade neste romance angolano, mantendo o diálogo Literatura e Geografia a partir da percepção da paisagem, marcada pela experiência do exílio.

O ESCRITOR NO ESPAÇO DA OBRA: o rosto caligrafado

Ana Cristina Joaquim - USP
wiquen@gmail.com

Trata-se de uma leitura de *Apresentação do Rosto*, de Herberto Helder, com base em algumas reflexões sobre a escrita de si e suas tangências: a autobiografia, o autorretrato e a escrita intimista. Vale considerar algumas das polêmicas que circunscrevem o texto: a dificuldade de classificação pela crítica - por tratar-se de um texto híbrido do ponto de vista formal e temático (o que suscita questionamentos, inclusive, no que se refere ao personalismo ou à escrita de si) -, bem como fato de ter sido renegado pelo autor, resultando em uma única publicação, de 1968. A proposta, portanto, é investigar de que maneira *Apresentação do rosto* elabora esteticamente relatos de uma vida (recorrendo, para tanto, à memória) e de uma expressão subjetiva, mais precisamente, uma expressão do sujeito da escrita, já que, como será possível notar, a subjetividade, aqui, se manifesta enquanto exposição íntima do sujeito que se mostra/define enquanto escritor. Trata-se, portanto, de fazer ver outra característica bastante comum à poética da contemporaneidade: a metalinguagem. A leitura estender-se-á para alguns de seus poemas que, se lidos sob o prisma das confissões flagradas em *Apresentação do Rosto*, são redimensionados do ponto de vista que aqui nos interessa de perto.

O NARRADOR COLETIVO: Memória, Literatura e História em *Memorial do Convento*

Ana Maria Cavalcante de Lima – UFC
ana.m.cavalcante@gmail.com

Em *Memorial do Convento* é perceptível uma tentativa de dar espaço àqueles que não foram contemplados por uma tradição histórica e literária como os verdadeiros merecedores de grandes glórias. O romance, que traz em seu título o propósito de ser um memorial, de relatar fatos memoráveis, concentrará as suas ações no século XVIII, em alguns anos pertencentes ao reinado de D. João V, mais especificamente aqueles que dizem respeito à construção do convento prometido pelo rei à ordem franciscana, uma vez tendo ela pressagiado que, se D. João V mandasse que se construísse um convento franciscano, a sua tão desejada sucessão seria possível. Ao assumir-se, a partir do título, como produto de uma memória, *Memorial do Convento* angaria uma posição subjetiva e intuitiva perante aquilo que será narrado. O narrador assumirá, como objeto de seu memorial, não o convento de Mafra, como o título parece propor – construção suntuosa atribuída a D. João V, de existência comprovadamente histórica –, mas o trabalho e o esforço dos homens simples, representados por personagens puramente ficcionais, responsáveis por tal construção. Profícuo é analisar a relação estabelecida entre História e Memória, presente em *Memorial do Convento*, a partir dos conceitos discutidos por Peter Burke e Paul Ricœur no que diz respeito ao estabelecimento de uma Memória Coletiva, uma vez que o próprio memorial é narrado a partir de um “nós”, de uma coletividade, livre da minhadade, como nomeia Ricœur, do ato de lembrar-se.

NOTAS SOBRE? *Romance Íntimo*

Andrea Cristina Muraro – UnIA
a.c.muraro@gmail.com

Em se tratando de uma das primeiras manifestações do romance em Angola, a obra? *Romance íntimo – Cenas de África* (1892), de Pedro Félix Machado, pede algumas considerações no que se refere a sua forma literária e ao tecido social no qual está inserida. Dessa maneira, esta comunicação discute a representação literária da cidade de Luanda, onde parte da ação se passa, bem como seu contexto histórico-econômico, no que diz respeito às relações de serventia e posse.

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM EM A SELVA: A experiência de um português na Amazônia Brasileira, durante a decadência do ouro negro

Antonio Cordeiro Feitosa – UFMA
acfeitosa@gmail.com

A contribuição dos portugueses na organização do espaço brasileiro é abordada sob os mais diversos enfoques ao longo dos períodos colonial e imperial. A partir do viés da percepção da paisagem, objetiva-se com esse trabalho estabelecer um paralelo entre experiência vivenciada na pátria-mãe e a paisagem percebida pelo protagonista de *A Selva*, de Ferreira de Castro, na Amazônia brasileira, no período da retração da economia da borracha, no que tange à abordagem da espacialidade sob o viés da Geografia Humanista Cultural. A obra retrata a intensidade da vivência do seu personagem principal em ambiente diverso do de sua origem, o que suscita o estranhamento e a inadaptação, mas também a tentativa de engajamento e enfrentamento do *locus* adverso. O português Alberto, de *A Selva*, é imerso em um espaço abstrato, exótico e aterrador, cuja indefinição quanto ao sentimento de acolhimento e de segurança não suplanta expectativa de afirmação econômica para realizar seus sonhos de ambição e de realização pessoal.

A ENGENHARIA DO SONETO EM E. M. DE MELO E CASTRO

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte – USP
avpietroforte@hotmail.com

A análise literária, na abordagem de seus objetos de estudo, deriva em pontos de vista históricos, sociais, antropológicos, com os quais se procura contextualizar estilos que podem variar, em suas abrangências, de épocas a autores. Entre tantos percursos teóricos, é possível verificar, também, como determinadas formas poéticas, estabilizadas pelas tradições literárias, funcionam como base para o desenvolvimento de engenharias poéticas específicas. A realização dos discursos literários, embora não possa ser reduzida a isso, envolve o trabalho com gêneros discursivos, como as muitas formas concebidas em prosa e poesia; boa parte da engenharia poética está concentrada: (1) na depuração dessas formas, buscando extrair o máximo de suas

possibilidades; (2) na inovação delas, buscando transformá-las, mas sem desfigurar suas características principais; (3) na transgressão das formas, desfigurando-as completamente. Desse ponto de vista, a descrição e análise desses processos de depuração, inovação e transgressão permite, no mínimo, verificar como um poeta, em particular, escolhe fazer sua literatura. Nosso trabalho, portanto, pretende mostrar como E. M. de Melo e Castro, envolvido com as vanguardas da poesia experimental portuguesa, encaminha a forma soneto, em uma tradição literária reconhecida por sonetistas da envergadura de Camões, Bocage e Antero de Quental.

“DESCULPE, MÃE!” UMA NOVELA EPISTOLAR

Auriclea Oliveira das Neves – UNINORTE
auricleaneves@gmail.com

Ao longo dos séculos, muitos autores se dedicaram ao gênero epistolar, cujos fundamentos linguístico-literários pressupõem interlocutores que compartilham ideias, opiniões, registros de um fato social, dentre outros. Na história literária portuguesa há exemplos de escritores consagrados que se utilizaram da epistolografia como forma narrativa. A série de cartas elaborada por Rita Ferro, em parceria com a filha Marta Guatier, intitulada *Desculpe, mãe!*, insere-se como experimentações literárias na medida em que, diferentemente dos escritores de períodos anteriores, a resposta do destinatário se encontra na própria obra. Publicada em 2007, a coletânea de missivas funciona como uma espécie de novela epistolar, de temáticas variadas, transmitidas em linguagem viva e atual, contemplando as tensões vividas no dia a dia entre mãe e filha. Além das inovações no campo da epistolografia, a obra apresenta as convenções subjacentes ao modo de ver contemporâneo e suas implicações sociais, possibilitando desta forma, analisá-la sob a perspectiva dos estudos culturais, conforme nos propomos nesta comunicação.

AS CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-PORTUGUESAS E A EDUCAÇÃO FEMININA

Bianca Costa Ramos Silva – UFBA
bia_cramos@hotmail.com

A sátira nos Cancioneiros medievais galego-portugueses, tão bem recebida pelo seu auditório cortês, não deixou de exercer influência sobre

os comportamentos. Como há um número relevante de cantigas satíricas galego-portuguesas dirigidas às mulheres, por razões diversas, é nosso objetivo neste artigo discutir como a educação feminina incidiu em tal literatura. Sob a ótica da análise literária histórico-cultural, verifica-se que os poemas derrisórios galego-portugueses apresentam uma espécie de “propósito reformador”, já que é de natureza intrínseca do cômico ocupar-se sempre do que parece errado, falho ou mal conhecido, isto é, da distância entre o que é e o que deveria ser, entre o modelo e sua desvirtuação. Sendo assim, a sátira nos Cancioneiros medievais galego-portugueses endereçadas às personagens femininas também esteve voltada para o reforço da ordem e das leis, livrando-se da maledicência circunstancial, servindo, por intermédio da zombaria, para promulgar um código de comportamento cujas prescrições visavam a reprimir os defeitos atribuídos às mulheres.

ANA LUÍSA AMARAL:

a releitura do cânone ocidental e sua reterritorialização

Camila do Valle - UFRRJ
camiladovalle@yahoo.com.br

Qual é a sensação de ser um problema? (W.E.B. Du Bois, “The souls of black folks”)

A poeta portuguesa Ana Luísa Amaral representa uma vertente da Literatura Portuguesa Contemporânea que trata a historiografia literária portuguesa como matéria de ficção. E expressa essa ficção em versos. Ana Luísa dialoga com temática cara à tradição canônica portuguesa. Em seu décimo livro, *A Gênese do amor*, ela dialoga diretamente com a lírica de Camões, embora também ali nomeie Dante e Petrarca, dando voz - portanto corpo - e lugar de destaque a suas musas, Beatriz e Laura, além das camonianas Natércia e Catarina. Como a dizer que este diálogo entre homens e mulheres, criadores e criaturas, que esta tradição de mulheres que são faladas e não falam não se prende a territorialidades oficiais, a nacionalidad[es. Afinal, Dante e Petrarca não são portugueses - fazem parte de outra também ficção de Estado-nação, com pacto histórico e social construído, tanto quanto o português. Em termos ocidentais, a questão de gênero e de etnia são padrões de “problemas” (epígrafe de Du Bois) que ultrapassam línguas e fronteiras: metaforizados como um (im)

possível amor entre Ariadne e Calibã. Um amor assim desenha outros mapas, outras cartografias afetivas. E Ana Luísa Amaral não dialoga tão-somente com a lírica camoniana, visto que ali também é espaço onde se retoma a obra épica *Os Lusíadas*. Mais especificamente, o episódio onde as mulheres insatisfeitas e chorosas com o grandioso destino imperial do Ocidente, aparentemente reservado a Portugal, aparecem em plano secundário, ou ainda inferior a este, já que o canto onde aparecem é mais lembrado pela figura do Velho do Restelo. O choro contido por séculos pela historiografia literária vem cantado em versos sonoros do século XXI.

O ABRASAMENTO SEXUAL NOS SERINGAIS AMAZÔNICOS, POR FERREIRA DE CASTRO E ALBERTO RANGEL

Carlos Antônio Magalhães Guedelha – UFSC/UFAM
cguedelha@gmail.com

As mulheres eram uma presença rara nos seringais da Amazônia. As poucas que existiam, todas tinham “dono”, até mesmo as crianças pré-adolescentes, cujo compromisso marital era firmado pelo pai desde muito cedo, como uma forma de troca de favores entre este e o futuro marido. Em geral, ao nordestino agenciado para trabalhar nos sertões amazônicos não era facultado levar mulher para o seringal, pois na lógica capitalista do “coronel” a mulher era um fator gerador de despesas na viagem do Nordeste até ali. Além disso, tendo a mulher por perto, o homem produziria menos, ao passo que, ficando a mulher no sertão, ele triplicaria seu esforço de trabalho com o sonho de voltar para a companhia de sua amada o mais breve possível. Tudo isso, evidentemente, era estratégia de espoliação, pois a estrutura montada nos seringais conspirava para que o sertanejo nunca mais voltasse para sua terra. Consequentemente, premidos pela ausência da fêmea, os sertanejos eram empurrados pelos instintos a atos extremados de pedofilia, zoofilia e crimes passionais, fartos na literatura sobre os seringais. Este estudo aborda a questão a partir de uma leitura do romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, e do conto “Maibi”, de Alberto Rangel, lançando mão da teoria freudiana sobre a pulsão sexual.

O EROTISMO EM LUIZA NETO JORGE: a corporeidade do poema

Carolina Alves Ferreira de Abreu – UFAM
deabreu.carol@hotmail.com

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM
ritapso@gmail.com

Neste *banner*, objetivamos fazer um estudo direcionado à abordagem do erotismo no poema *Corpo Insurrecto*, da obra *Corpos Vestidos*, da poetisa portuguesa Luiza Neto Jorge. Esta proposta tem como intenção considerar, por meio de uma linguagem poética e particular, a corporeidade do poema como um sujeito em relação a sua identidade, seus limites e sua relação com os outros, o poema como ato sexual, inserido a outro corpo e seus limites de acordo com sua autenticidade no tempo e no espaço. Para isso, utilizamos como fundamentação teórica as ideias de Georges Bataille no livro *O erotismo* que propõe a investigação da relação do sujeito com o mundo baseada na erotização da linguagem. O banner apresenta, ainda, o resultado parcial dessa investigação no Projeto *Fio de Linho da Palavra*, em que a obra da poetisa mencionada está inserida.

ÁLVARO DE CAMPOS – o homem da modernidade

Catarina Lemes Pereira – UFAM
ninaaiko@hotmail.com

Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM
elaine.andreatta@hotmail.com

Álvaro de Campos foi o heterônimo mais pulsante de Fernando Pessoa, tanto que o poeta diz ter colocado nele toda a emoção que não teve nem em vida. Essa emoção apresenta-se de forma muito incisiva no homem Álvaro de Campos sentindo intensamente o meio em que estava inserido. O poema *Ode Triunfal*, por exemplo, nos apresenta um poeta totalmente confiante nessa nova sociedade que estava num ritmo frenético para acompanhar as transformações sociais ocasionadas pelas inclusões tecnológicas. A proposta dessa exposição é analisar o posicionamento do poeta em relação à modernidade que se apresentava nos primeiros anos do século XX como uma promessa positiva para a sociedade. Há de ser feita também a análise cuidadosa dos recursos expressivos utilizados no poema “*Ode Triunfal*”,

assim como as sensações por ele transmitidas em sua exaltação paradoxal às máquinas. Os procedimentos de investigação consistem na análise do poema de Campos por meio de pesquisa bibliográfica e qualitativa, com o suporte teórico literário e histórico relativo aos movimentos de vanguarda na Europa do início do XIX, aliado ao pensamento de José Augusto Seabra sobre a proposta poética modernista dos intelectuais portugueses. Como resultado da pesquisa, é possível captar os contrastes que assinalam toda sua obra levando-nos a concluir que o poeta vive nesse momento a excitação dos tempos modernos, mas nos deixa a dúvida se toda a emoção demonstrada com a máquina é de todo positiva, ou um largo canto irônico anunciando o que viria a se transformar no caos que se afirma hoje.

CESÁRIO VERDE E A PALAVRA POÉTICA DA MODERNIDADE: entre a poesia do mundo e o mundo da poesia

Cátia Monteiro Wankler – UFRR
cwankler@uol.com.br

O universo poético de Cesário Verde revela uma conjunção de racionalidade e emoção. A tentativa de equilíbrio entre razão e emoção deu a sua obra um traço de singularidade que o aproxima mais dos autores posteriores do que de seus contemporâneos. A obra de Cesário é dissonante em relação à literatura de seu tempo por ter transcendido os limites do estilo coletivo da época, sem abrir mão dele, e por mostrar-se mais aberto ao uso de influências de vozes diversas ao longo de todo o seu percurso poético, o que contextualmente se configura em um tipo de dissonância da obra em si mesma.

O FRAGMENTO, A IMPOSSIBILIDADE, O SILÊNCIO E O NEUTRO NA PROSA CONTEMPORÂNEA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Cid Ottoni Bylaardt – UFC
cidobyl@ig.com.br

A escritura de António Lobo Antunes, escritor português contemporâneo, é gaga, fragmentária, desequilibrada, inadequada. O que temos é um desastre inevitável. Não obstante, é um desastre fascinante, sob uma pers-

pectiva blanchotiana, que pressupõe uma escritura destituída de poder, que não fala a linguagem da ordem mas não pode parar de falar, que nos expõe a uma espécie de perplexidade neutra, que confunde o conhecimento. A escritura de Lobo Antunes é, assim, extremamente contemporânea em sua estética da falta, do silêncio, da impossibilidade de encontro entre os extremos e os meios para comporem um conjunto lógico. A multiplicidade de enunciadores, todos eles instáveis e descrentes do poder edificante da escritura impedem a identificação de uma voz “central” (ou a que deveria ser o centro, que não há), o que contribui para o império do fragmento. O clímax e o desenlace clássicos não mais constituem o apelo da narrativa, que não aponta para uma solução, uma decisão, um ponto de chegada qualquer. É essa concepção de negatividade, associada às noções de fragmento e neutro, que este texto se propõe investigar na ficção de Lobo Antunes.

A MÚSICA DE CASIMIRO DE BRITO E DE ZEMARIA PINTO

Cinelândia de Oliveira Vilacorte – UFAM

cine-jesus2011@hotmail.com

Cláudio Sampaio Barbosa – UFAM

tassocsb@yahoo.com.br

O livro *Música do mundo* reúne poemas da obra do português Casimiro de Brito, nele incluídos *Solidão imperfeita*, *Canto matinal* e *Animal volátil*. Outro livro, *Música para surdos* é o terceiro livro do brasileiro Zemaria Pinto. Com essas duas obras, planejamos demonstrar em que consiste a música da poesia, percorrendo sobre o ritmo, a escolha das palavras e os temas dos textos. Utilizamos como quadro teórico estudos relativos às funções poética e metalingüística de autores como Roman Jakobson, em *Linguística e comunicação*, além de Samira Chalhoub, com *A metalinguagem*, e Afonso Romano de Sant’Anna, com *Paródia, paráfrase & cia*. Esta apresentação corresponde a resultado parcial da investigação da proponente no projeto Fio de Linho da Palavra, do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade do Amazonas

O DESENVOLVIMENTO CONTEMPORÂNEO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Clecio Marques dos Santos – UFMA

clecio_marx@hotmail.com

Flavia Regina Neves da Silva – UFMA

flavia_nvs@hotmail.com

Mayara Crystina Rego da Silva – UFMA

mayararegosilva@gmail.com

Conceição de Maria de Araujo Ramos – UFMA

conciufma@gmail.com

A Literatura é parte integrante da cultura de um povo. Por meio dela, consegue-se apreender elementos de suma importância que são constitutivos da história, das artes, da língua do grupo social que a produz. Em síntese, a literatura permite a seu leitor compreender melhor a realidade do sistema social que nela e por ela é refletido. Levando-se em consideração essa realidade, este trabalho, recorte de uma pesquisa mais ampla sobre língua, literatura e cultura, focaliza um importante elo entre a Europa, a América e a África, por meio do qual a literatura se constrói – a língua portuguesa. Objetiva-se, pois, traçar um paralelo entre as produções literárias contemporâneas brasileiras, portuguesas e africanas, a partir de 1960 até atualidade. Além disso, busca-se examinar o que há de semelhante entre essas literaturas e o que singulariza a literatura africana. A divulgação dessa literatura abre um importante caminho para que o Brasil retome seus laços com as culturas africanas e também para que se conheça uma literatura que revela a preciosidade expressiva da língua portuguesa.

SOB(RE) RUÍNAS: silêncio e palavra em

Antes de nascer o mundo e cinzas do norte

Cristiana Mota – UEA

crismtx@gmail.com

A História Universal, tal como tem sido concebida ao longo dos tempos, mostra-nos uma formulação de discursos que partem de uma classe autorizada a fazê-lo, criando, dessa forma, conceitos e paradigmas de estruturação e ordenação da memória coletiva e identidade nacional que melhor atendem aos seus interesses enquanto classe dominante. Por outro lado, nos

últimos anos, houve o surgimento de um processo de rompimento dessa supremacia de discursos em favor da multiplicidade de olhares e falas de grupos sociais até então marginalizados. Escritores de países colonizados vêm assumindo o papel de enunciadores do contradiscurso hegemônico. Fato que pode ser visto nas literaturas de Mia Couto e Milton Hatoum, ficcionistas eleitos para análise. Tomando como referencial crítico as teorias de Foucault sobre a construção e desconstrução de discursos, os conceitos sobre intelectual de Said, além dos estudos sobre memória, esquecimento e identidade, de Halbwachs e Pollak, objetivamos analisar como referidos escritores arquitetam seus romances e transformam-nos em verdadeiras traduções da condição humana de indivíduos marcados por um passado de lutas políticas que os relegou às franjas da História e deu-lhes um presente cheio de ruínas.

O CUIDAR E O SUSPIRAR NOS AUTOS ANÔNIMOS PORTUGUESES DO SÉC XVI

Danilo de Sousa Villa – UFBA
sousavilla@hotmail.com

Márcio Coelho Muniz – CNPq / UFBA
marciomuniz@uol.com.br

No final do séc. XIX, o crítico e escritor português Teófilo Braga denominou de “Escola Vicentina” textos anônimos e a produção de dramaturgos cujas obras dialogavam com a estética de Gil Vicente, poeta e dramaturgo do séc. XVI. Inserido em um projeto de pesquisa maior que busca revisar o conceito de “Escola Vicentina” pelo estudo de suas obras, o presente trabalho procurará estabelecer ligações entre o debate poético do “Cuidar e Suspirar”, que abre o *Cancioneiro Geral de Garcia Resende*, e quinze peças anônimas do séc. XVI, que permaneceram sem edições por muitos anos, mas que foram publicadas entre 2007 e 2010 pelo Centro de Estudos do Teatro da Universidade de Lisboa, com edição aos cuidados de José Camões. Devido aos códigos sociais da corte portuguesa do séc. XV, período de composição de parte dos poemas coletados por Garcia Resende, todo nobre, mesmo aqueles sem vocação literária, deveria ser capaz de compor poemas para agradar o auditório das grandes festas da corte portuguesa. Por essa razão, o discurso lírico-amoroso de origem trovadoresca é um marcador distintivo da nobreza nos autos estudados e em todo teatro quinhentista. Não é surpresa, portanto, encontrar nesse teatro anônimo temas e estruturas comuns à poesia palaciana, como é o caso da presença, nas peças, da contenda inicial do *Cancioneiro*

Geral de Garcia Resende, a discussão para decidir qual é a melhor forma de sofrer por amor, através do “Cuidar”, o sofrimento interiorizado e calado, ou do “Suspirar”, o desabafo e o suspiro do poeta que sofre.

PRÓSPERO E CALIBAN N’A SELVA

Débora Renata de Freitas Braga – UEA
deborarenatabraga@yahoo.com.br

Em *A gramática do tempo*, Boaventura de Sousa Santos propõe o conceito de “pós-modernidade alternativa”, em que a releitura do pós-colonialismo torna-se fundamental para o seu estabelecimento. Na obra, o autor se utiliza de dois personagens da literatura para caracterizar o colonialismo português: Próspero e Caliban. A face Próspero é referente à posição dos países colonizadores diante dos países periféricos. Boaventura aponta que a Inglaterra possui a posição de Próspero por ter colonizado Portugal em termos de desenvolvimento tecnológico e econômico, inclusive devido às interferências políticas do país nas decisões de Portugal. Portugal também assume uma caracterização de Próspero porque foi colonizador, mas pela sua posição subordinada à Inglaterra, também ganhou feições de Caliban, que representa a subserviência, e Portugal acaba por constituir-se como semiperiferia na Europa. A proposta deste artigo é problematizar como foram realizadas essas representações no romance *A Selva*, do escritor português Ferreira de Castro, discutindo também as questões da recepção da obra, da lusofonia e das produções de não-existência, que são formas de tornar invisíveis entidades consideradas inferiores (no caso, o colonizado ou Caliban).

A VISÃO DE WILKENS SOBRE A FIXAÇÃO PORTUGUESA NA AMAZÔNIA

Débora de Lima Santos – UEA
deboralimas20@gmail.com
Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ
veronicaprudente@yahoo.com

Na segunda metade do século XVIII, o militar português Henrique João Wilkens, que estava a serviço da Coroa portuguesa em Comissões de Demarcações dos Limites nos “sertões” amazônicos, escreve o

poema *Muhuraida*, o qual é o primeiro texto poético com estrutura épica, escrito em Língua Portuguesa, sobre um tema relativo ao território amazônico. O índio Mura, tido como “abominável”, “feroz” e “indomável” é o objeto do “triunfo da fé” celebrado no poema de Wilkens. O “poeta que não era poeta” ao inspirar-se n’ *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tanto na forma quanto na intenção, celebra a vitória dos portugueses em relação aos Mura. A maior semelhança entre o poema de Wilkens e o épico camoniano é o Mura Velho, o Ancião de Wilkens que nos remete ao Velho do Restelo. As figuras apresentadas nos dois épicos aludem à imagem daquele que já viveu bastante e traz consigo “um saber de experiências feitas”. Através da narrativa de Wilkens é possível compreender como eram vistos os nativos que não concordavam com os ideais portugueses, e também o olhar sobre aqueles que contribuíam para que os objetivos destes colonizadores fossem alcançados. A *Muhuraida* faz parte do momento em que a coroa portuguesa estabelecia sua fixação na região amazônica, através desse épico podemos vislumbrar uma das faces dessa conquista.

REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM *QUEM ME DERA SER ONDA*

Débora Feitosa Azevedo – UEA

deborafeytosa@hotmail.com

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

veronicaprudente@yahoo.com

O objetivo do presente estudo é analisar a figura feminina no universo ficcional da novela *Quem me dera ser onda*, de autoria de Manuel Rui. Buscando, desse modo, refletir o papel da mulher que por vários anos vêm conquistando espaço tanto no plano real, nas várias áreas da sociedade, quanto no plano ficcional. Através das personagens que nortearão esse estudo, Dona Liloca e a professora, far-se-á um paralelo, procurando compreender o mundo dessas duas mulheres, suas posturas, atitudes e temores, estabelecendo uma comparação entre seus distintos perfis. Sobre esse aspecto embasaremos nosso trabalho nas pesquisas realizadas por Lúcia Osana Zolin que tem direcionado suas pesquisas para as representações de gênero na Literatura, a partir de uma perspectiva crítica da questão feminina. As personagens de Manuel Rui encontram-se inseridas em um cenário ficcional politicamente conturbado de pós-

-independência de Portugal, assim sendo, faz-se necessário observar o contexto histórico, econômico e social do espaço angolano representado na obra de Manuel Rui.

O LUGAR DE ENUNCIÇÃO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: a literatura periférica

Delma Pacheco Sicsú – UEA
delmasicsu@bol.com.br

Como toda arte, a literatura lê o contexto histórico e cultural no qual é produzida. Diante do quadro caótico, sob ruínas do mundo contemporâneo, a literatura que se produz nesse contexto não poderia ser diferente. Ela busca traduzir as representações do sujeito pós-moderno que, diante de um mundo fragmentado, também se encontra nessa condição. Isso significa dizer que a ideia do sujeito soberano cai por terra nesse fazer literário, pois diante dele encontra-se um mundo em pedaços, onde as tradições estão ao todo tempo sendo colocadas à prova, contestadas pela pós-modernidade; onde o passado já não é visto como um tempo a ser glorificado. Pelo contrário, o passado na poética contemporânea é visto como um tempo a ser revisitado, sob um olhar crítico e assim entender o momento presente. É, então nesse contexto que se discute aqui sobre o lugar de enunciação da literatura contemporânea periférica tomando como ponto de partida a obra “Niketche, uma história de poligamia”. Como suporte teórico toma-se aqui os estudos de Calvino (2001), Brait (2010), Foucault (2005), Lexikon (1990), Proença Filho (2005), Hall (2011), Samuel (2002), Bakhtin (1997) e Hutcheon (1991).

MÁGICA: TEATRO MUSICAL SATÍRICO, COM ELEMENTOS FANTÁSTICOS, NA PAISAGEM DE LISBOA (EÇA DE QUEIROZ)

Denise Rocha – UNESP-Assis
rocha.denise57@gmail.com

Ao longo do século XIX, a cena lisboeta refletiu um fecundo momento sensorial, com apresentação de récitas de ópera, opereta e mágica, que era um espetáculo dramático-musical, com aspectos fantásticos, de tradição barroca. Com grandes investimentos na produção e espetáculos deslumbrantes

tes, na mágica eram utilizados maquinismos sofisticados para destacar o maravilhoso que tinha traços de humor e de sátira. Esse gênero musical, que seduzia todo tipo de público, foi eternizado por José Maria Eça de Queiroz (1845-1900) no romance *A tragédia da Rua das Flores*, escrito nos anos 1877 e 1878. O protagonista Vitor da Ega visita com sua amante Aninhas um número de mágica, no Teatro das Variedades, em Lisboa, e revê sua querida Madame Genoveva de Molineux, com o provedor oficial, e desespera-se, sem saber que seu amor pela bela e fascinante mulher irá desencadear uma desgraça.

O LABIRINTO DA MEMÓRIA EM “O ARQUIPÉLAGO DA INSÓNIA” DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Dilce Pio Nascimento – UEA
dilcepio12@gmail.com

Neste artigo pretende-se investigar sobre o processo de construção da obra “Arquipélago da Insónia” do escritor Português António Lobo Antunes. Observar como a tessitura do romance é construída e/ou destruída pelos labirintos da memória de um narrador autista. A narrativa ocorre de forma metonímica através de várias imagens distorcidas. Nesse processo o ambiente, as pessoas são identificadas por meio dos sentidos. A realidade é apresentada através de elementos diluidores de qualquer senso de racionalidade, trazendo para a trama a dúvida, as incertezas. O texto apresenta um modo de dizer, sob ruínas, pois se evidencia fracturas, aparente incoerências, devido à fala automática da personagem principal que deseja dizer tudo o que lhe vem à mente, mas é tolhido pelo viés da memória que traz consigo as infinitas lembranças e o esquecimento. Esta técnica tem como estratégia desconstruir a linguagem de suas formalidades usuais como clareza, objetividade, precisão. Lobo Antunes, nessa obra, reflete sobre a própria escrita, pondo em evidência uma forma discursiva da arte literária contemporânea.

“O POEMA FAZ-SE CONTRA A CARNE E O TEMPO”, EM: Herberto Helder

Djanine Aleonora Belém Gomes – UFBA
djanbonnine@hotmail.com

Herberto Helder (HH), na literatura portuguesa atual, manifesta por parte da crítica literária uma certa inquietude. Maria Estela Guedes, em 1979, no seu livro *Herberto Helder, Poeta Obscuro*, assim o definiu. Rosa Maria Martelo, no artigo “Assassinato e assinatura”, observa que nada garante que a poética herbertiana aceite a possibilidade de se definir o que seja, em termos essencialistas, uma linguagem poética ou a linguagem da poesia. Aos demais leitores de HH, trata-se de um autor desconcertante, ilegível, pois a sua obra é fortemente hermética. A partir da leitura de um poema de HH, “O poema”, do livro *A Colher na Boca* (1961), pretende-se investigar como o poeta estabelece com a poesia não só o corpo enquanto matéria viva, mas o corpo na sua complexidade, feito de carne, emoção e desejo. A comunicação aponta, no seu uso da linguagem verbal, pictórica e corporal, possíveis reflexões sobre algumas transformações estéticas e culturais que marcam nossa contemporaneidade.

ÊXODOS E RETORNOS CULTURAIS ENTRE ÁFRICA E PORTUGAL: uma leitura do romance *As Naus*, de António Lobo Antunes

Egberto Guimarães Seixas – UFBA
eguiмараes1989@hotmail.com
Maria de Fátima Maia Ribeiro – UFBA
fatimari@ufba.br

Apresenta algumas considerações iniciais, no campo da literatura comparada, desenvolvidas no projeto Discursos de migrações, êxodos e retornos, trânsitos e trocas culturais em/entre países de Língua oficial portuguesa, em contexto de globalização e pós-colonialidade, na obra do escritor português António Lobo Antunes *As Naus* de 1988, buscando elementos que identifiquem os imbricamentos e os paralelismos culturais entre Portugal e os países africanos de língua portuguesa durante e após o colonialismo. Objetiva destacar as relações entre a metrópole portuguesa e as colônias africanas a partir de sujeitos interligados a essas esferas, com-

preendendo, através de seus traumas e sequelas, o colonialismo enquanto processo desencadeador de trânsitos físicos e culturais. Também, pôr em debate a figura desses sujeitos examinadas através de ações subjetivas coletivas na imagem dos retornados e dos colonos, constitutivos de um ambiente movediço que reposiciona a Europa frente à África e vice-versa.

Lobo Antunes, em *As Naus*, conduz a narrativa para um terreno de incertezas, em que se chocam os lugares e os tempos, convocando o leitor a repensar esses núcleos tão supostamente ordenados, reajustando-os sob outra ordem. Entre os resultados, destaca-se a produção de estudos críticos, com ênfase no mapeamento da fortuna crítica de António Lobo Antunes no Brasil.

O ATO DE (DES)MASCARAR O CORPO EM CORPO-SANTO E BERNARDO SANTARENO

Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM
elaine.andreatta@hotmail.com

Neste estudo busca-se entender o conflito existente entre o controle do corpo e sua subjetividade com representação para os conflitos sociais e sexuais em *As relações naturais* e *A separação de dois esposos*, de Qorpo-Santo (1829-1883) e *A confissão*, de Bernardo Santareno. Entre a sutileza do dizer de Qorpo-Santo e o falar escancarado de Santareno, há uma distância temporal entre as suas produções, mas em ambas estão em cena a voz das classes que passam pela ilegitimidade e marginalidade, que, por seu turno, são riquíssimas em dualismos e questionamentos, adquirindo poder no discurso literário. Para analisar os textos que serão foco desse estudo, buscamos Foucault, com a sua *História da sexualidade*, além de discutir os conceitos de gênero, subjetividade, erotismo e sexualidade. Ao realizar a leitura dos conflitos e dualismos, pauta-se na análise das personagens e suas ações relacionadas, principalmente, às máscaras eróticas que intercalam sexualidade e repressão como elementos desencadeadores de outros dualismos.

JOGO DE BICHOS

Emerson da Cruz Inacio

USP

einacio@usp.br / emerson.c.inacio@gmail.com

Considerando as contribuições da Análise do Discurso francesa e seus possíveis contatos com a análise literária, pretende-se estabelecer algumas ponderações acerca do prefácio de *Bichos*, de Miguel Torga, priorizando a relação entre autor e leitor-modelo preconizada pelo artista no introito de sua obra.

POR UMA APROXIMAÇÃO À LITERATURA MENOR: Escrivurários, Bibliotecários, Mordomos e afins na contracorrente do culto à celebridade na Arte Contemporânea

Ermelinda Maria Araújo Ferreira – UFPE

ermelindaferreir@uol.com.br

A Arte Literária, que nos parece repleta de heróis, de glórias e de esplendor, também acolhe os seus empregados da “literatura menor” de que nos fala Gilles Deleuze. Uma gente estranha; formada, talvez, no há muito extinto “Instituto Benjamenta”, onde se pretende educar a servidão (à Arte, não a Si Mesmo), uma prática tão fora de moda que soa extemporânea na atualidade, onde a liderança egocêntrica está na ordem do dia e todos desejam aprender apenas a mandar nos outros. Por isso, são poucos os prováveis ex-alunos do Benjamenta, todos eles surpreendentemente ilustres; mas ilustres, em geral, à sua própria revelia. Listamos alguns para consideração neste ensaio: o escrivão *Bartleby*, de Melville, o empregado de escritório *Blumfeld*, de Kafka, e o ajudante de guarda-livros *Bernardo Soares*, de Pessoa. O candidato a pajem *Jakob von Gunten*, de Walser, e o mordomo *Stevens*, de Ishiguro, também são mencionados; além de escritores e artistas decadentes, frequentadores dos territórios limítrofes da sanidade mental, como *Pierre Menard*, de Borges, e *Simon Axler*, de Roth; bem como ex-escritores que optaram pela profissão da psiquiatria para tentar conseguir internamentos voluntários em hospícios, como o Dr. Antônio Mora, de Pessoa, e o Dr. Pasavento, de Vila-Matas. Todas essas figuras comparecem neste ensaio para ajudar-nos a pensar a atividade crítica na atualidade; uma época em que, como diz Maurice Blanchot, o escritor

é submetido a um treinamento focado na preocupação com a existência pública, o que dificulta o seu acesso à sabedoria do mínimo, ou à estranha grandeza dos humildes personagens acima listados.

A SELVA: Narrativa Literária & Narrativa Histórica

Fabiana Santos Martins – UEA
fabian_nando@hotmail.com

O presente trabalho busca compreender as relações existentes entre História e Literatura na trama do romance de Ferreira de Castro, escritor português, que explora a temática do ciclo da borracha no Amazonas e a vida dos seringueiros no início do século XX. Como base teórica deste trabalho utilizou-se teóricos como Roger Chartier, Sidney Chaloub, Nicolau Sevcenko, que discorrem sobre a relação entre história e literatura. A análise da obra mostrou o panorama sócio-político da época e por isso passa a ser fonte para a própria história, demonstrando a condição humana vigente, contribuindo para o aumento de informações da história regional até então desconhecidos por historiadores. A narrativa literária é uma manifestação cultural, portanto, possibilidade de registro da dinâmica em que o homem experimenta em seu tempo, a partir desta relação o autor constrói narrativas diversas, e traz à tona vestígios do passado, sendo, portanto, evidência histórica.

A MULHER DO MÉDICO: a heroína d’o *ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago

Fabiola Tânia Leitão Eulálio – UFPI
fabiolaanturio@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar a conduta da personagem “Mulher do médico”, na obra *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, apontando aspectos como a liderança e a lucidez da mesma em meio ao caos social representado na obra a partir de conceitos existencialistas de Jean-Paul Sartre (1946). Segundo a teoria existencialista de Sartre, o homem é o que ele faz de si mesmo, lançando-se em direção a um futuro, resultado de um projeto consciente e subjetivo. O homem será antes de tudo o que tiver projetado ser. Desta forma, o homem é responsável por aquilo que

é a sua existência, sendo sua total responsabilidade não só sua existência individual, como a repercussão dos seus atos na coletividade.

REPRESENTAÇÕES DE VIVÊNCIAS: uma leitura existencialista da crônica *Em caso de acidente* de Antonio Lobo Antunes

Francisca Marciely Alves Dantas – UFPI
marcielysp@hotmail.com

Maria Elvira Brito Campos – UFPI
mebcampos@hotmail.com

O presente estudo investiga os resquícios do Existencialismo na produção fictícia do escritor português contemporâneo Antonio Lobo Antunes, em especial na crônica *Em caso de acidente* (2002). A partir da visualização dos personagens, como seres ficcionais que se interrogam profundamente a respeito do “estar-no-mundo”, tentaremos demarcar a angústia provocada pela passagem inevitável do tempo. Desse modo, a leitura crítica aqui proposta se ocupará em esclarecer de que maneira o temporal interfere na condição plena do ser, relacionando os conceitos e categorias ontológicas relacionadas ao pensamento acerca da existência. Assim, a inquirição da sobreposição do tempo no texto narrativo de Antunes incidirá na circunscrição dos estágios ontológicos: *em-si*, *para-si* e *para-outrem*, explicitando o que podemos caracterizar de subjetivismo ontológico do ser. Com o intuito de alcançar tal objetivo, buscou-se fundamentação teórica nas obras *O ser e o nada* (SARTRE, 2008) e *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2002).

ANTÓNIO PATRÍCIO: diálogos com Nietzsche e com o decadentismo de final de século

Francisco Araújo – UEA
chicospike@hotmail.com

Otávio Rios – UEA
otaviorios@gmail.com

O conto “Diálogo com uma águia”, publicado no livro “Serão Inquieto”, do escritor português António Patrício, está inserido no contexto do simbolismo/decadentismo português do final de século. A análise do conto

pretende demonstrar a influência do pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche sobre a obra de Patrício, bem como a presença de temas que perpassam por toda a obra do autor – incluindo seu teatro e sua poesia –, tais como: a morte, a saudade, a solidão, a velhice como símbolo da decadência, a questão religiosa, crítica à vida em sociedade, temas estes que influenciaram, e ainda influenciam, a obra de diversos autores portugueses.

DA VIDA COMO ELA É À VIDA QUE DEVERIA SER: utopias proletárias em Jorge Amado e Alves Redol

Francisco Ferreira de Lima – UEFS
lima.franciscoferreira@gmail.com

Cacau, segundo romance de Jorge Amado, publicado em 1933, abre-se com um pórtico famoso no qual se diz que aí se apresentará um “máximo de honestidade” num “mínimo de literatura”. Mais famosa ainda, pelo menos para o leitor de literatura portuguesa, é a abertura de *Gaibéus*, o romance de Alves Redol que dá início ao neorrealismo português, publicado em 1939, na qual se afirma não estar ali “uma obra de arte”, senão um “documentário humano fixado no Ribatejo”. A recusa de ambos os autores de encarar a dimensão propriamente estética de suas obras – afinal estavam fazendo literatura – está na base dos problemas gerados pelas teorias do realismo socialista, concepção de arte à qual esses autores se filiaram no começo de suas carreiras. A comunicação vai rastrear alguns desses problemas.

INTERNOS E INTERNADOS: educação e memorialismo em Raul Pompéia e Vergílio Ferreira

Franco Baptista Sandanello – UNESP/ FCLAr
franco@lancernet.com.br

O Ateneu (1888), de Raul Pompéia, e *Manhã submersa* (1954), de Vergílio Ferreira são dois romances em que se problematizam, através da memória, os mecanismos de controle educacional de cada período histórico: seja no conflito com um internato brasileiro do reinado de Pedro II, seja no embate com um seminário português da época de Salazar, há em ambos a mesma reação contra os discursos totalitários e impositivos, voltados para a uniformização dos indivíduos e para o mascaramento das divisões sociais. Nesse

sentido, assumindo uma via de análise temático-comparativa, a presente comunicação busca avaliar, num primeiro momento, como se dá a reação a esses discursos em cada um dos romances, para, a seguir, buscar uma síntese das soluções propostas isoladamente por Raul Pompéia e Vergílio Ferreira.

RESISTÊNCIA E AFETOS – TRAJETÓRIA POÉTICA DE MARIA

Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque – UFAM
gasalbuq@gmail.com

A poesia de Maria Teresa Horta esteve, por unanimidade da crítica, apoiada em dois pilares muito distintos. De um lado, os afetos representados na lírica amorosa e erótica e, de outro, a resistência representada no posicionamento político e ético quanto aos direitos das mulheres. Arrefecido o furor da resistência feminista do Séc. XX e consolidada a conquista de uma dicção feminina na literatura, busca-se verificar, nesta comunicação, a permanência dessa avaliação crítica como também os índices de mudanças na trajetória poética de MTH a partir do livro “Poemas do Brasil”.

AS PERSONAGENS FEMININAS EM TEOLINDA GERSÃO A CLARICE LISPECTOR: buscando aproximações

Geisiane Dias Queiroz – UFPI
geisydias@gmail.com
Maria Elvira Brito Campos – UFPI
mebcampos@hotmail.com

Tendo em vista a intensa aproximação da escritora Clarice Lispector com a temática existencialista, e a declarada preocupação de Teolinda Gersão com a realidade social, há de se perguntar o motivo de aproximar duas autoras que produziram em épocas diferentes e que, numa primeira leitura, diferem tanto. Buscamos, como primeira aproximação a forma de narrar: ambas as autoras têm uma peculiar escrita que se assemelha ao chamado *nouveau roman* francês. Da forma de narrar para a construção das personagens nas duas autoras, é questão de algumas leituras mais. O presente trabalho visa aproximar as personagens “eu” e Lídia, respectivamente personagens principais de *Água viva* (1973) e *O silêncio* (1981). Para tanto, busca-se referencial teórico à luz de Carlos Reis (1988) e Antonio Candido et al (2009).

O ROMANCE PORTUGUÊS EM TRÂNSITO PARA O BRASIL: as edições na seção folhetim no final do século XIX

Germana Maria Araújo Sales – UFPA/CNPq
gmaa.sales@gmail.com

Durante o século XIX eram comuns as trocas recíprocas de livros e impressos entre Brasil e Portugal, quer fosse pela encomenda de livros à metrópole, quer fosse na forma de folhetim divulgado em jornais. Nessa época, a integração cultural entre os dois países se consolidou e muitas obras de autores portugueses atravessaram o Atlântico e fizeram parte da vida dos leitores brasileiros, que tiveram acesso a essa prosa de ficção. A divulgação de romances, antes publicados em livros em Portugal, na forma de folhetim, fazia com que o público brasileiro tivesse conhecimento dos lançamentos do momento, o que mantinha uma atualização acerca das informações literárias que eram lidas ao mesmo tempo, no Brasil e em Portugal. No final do século XIX é significativo o número de obras portuguesas presentes no rodapé dos periódicos. Diante desses dados, o presente trabalho pretende apresentar o transito dessas obras, publicadas nos periódicos diários - *A Província do Pará* e na *Folha do Norte*.

O MITO EM PASSOS DA CRUZ, DE FERNANDO PESSOA ORTÔNIMO E APARIÇÃO DO CLOWN, DE LUIZ RUAS

Hervelyn Tatyane dos Santos Ferreira – UFAM
hervelyn.ferreira@hotmail.com
Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM
ritapso@uol.com.br

Neste *banner*, propõe-se fazer a análise comparada entre o livro *Aparição do Clown*, constituído de único poema, desdobrado em várias sequências, de autoria do poeta amazonense Luiz Ruas, e o poema *Passos da Cruz* do poeta português Fernando Pessoa- Ortônimo, sob o ponto de vista do mito. Para a fundamentação teórica serão utilizadas as teses de Octavio Paz sobre o mito, discorridas em seu livro *O Arco e a Lira*, em que o autor diz que poesia e religião brotam da mesma fonte, são revelação, salto mortal, embora a palavra poética não precise da autoridade divina e, em oposição a esta, a palavra religiosa revele um mistério que é alheio. A outra base teórica consiste no pensamento de Roger Caillois, encontra-

da em seu livro *O Homem e o Sagrado*, no qual o filósofo retoma a ideia de que qualquer concepção religiosa do mundo demanda no contraste entre o sagrado e o profano, podendo o homem religioso agir sem angústia ou temor ou com um sentimento de dependência íntima que retém, contém e dirige cada um dos seus impulsos. Assim, por meio dessas ideias, demonstra-se que, em ambos os poemas objeto de análise, poesia e religião, sagrado e profano implicam-se intimamente.

O BELO ORDENADO EM SOPHIA ANDRESEN

Isadora Santos Fonseca – UFAM

isadora.s.fonseca@gmail.com

Rita do Perpétuo S. B. de Oliveira – UFAM

ritapso@uol.com.br

A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen destaca-se pela sua relação com o universo grego. Em seu primeiro livro, *Poesia*, o elemento natural é associado à constante oscilação entre a busca da perfeição mediante uma realidade imperfeita; o jogo com estes elementos antitéticos suscita a idealização de um mundo belo e ordenado. Esse mundo remete à filosofia de Heráclito em sua noção de lei universal, logos, a qual é construída pela harmonia de oposições que advém das tensões de elementos opostos; ou seja, as coisas que são contrárias uma da outra se pertencem mutuamente ou são componentes uma da outra. Propomo-nos a demonstrar o modo como as imagens da sintonia perfeita do mundo são apresentadas na poesia dessa poeta portuguesa, empregando como quadro teórico a noção heraclitiana de mundo belo ordenado, respaldadas com as ideias andresenianas sobre o mencionado tema em seu ensaio *O Nu na Antiguidade Clássica*. A presente comunicação faz parte do projeto “Do mundo exilante e mutilante ao belo ordenado: *Poesia* de Sophia Andresen”, em andamento pelo PIBIC – Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica, na Universidade Federal do Amazonas.

A PRODUÇÃO DE GOMES DE AMORIM SOBRE A AMAZÔNIA

Iziane Meireles – UEA

izys-meireles@hotmail.com

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

veronicaprudente@yahoo.com

Este trabalho propõe analisar as relações entre a literatura e a história na obra *Os Selvagens*, publicada em 1875 e escrita por Francisco Gomes de Amorim, um escritor português que veio degredado de Portugal com apenas nove anos de idade e viveu na região Amazônica até os dezessete anos. Gomes de Amorim, mais conhecido como biógrafo de Almeida Garrett, escreve sobre a realidade amazônica fazendo um contraponto entre o real e o imaginário, descrevendo de forma comovente acontecimentos históricos como a Cabanagem, que foi o mais importante movimento nativista da história brasileira. O episódio histórico nos é apresentado envolvendo os fatos da vida dos irmãos Goataçara (Romualdo) e Porangaba (Gertrudes) da etnia Mundurucu. Pretendemos discutir a visão do colonizador sobre a forma como os povos indígenas foram agentes participativos da construção de uma história da Amazônia, para estabelecer tal discussão utilizamos como referencial teórico os textos de Marcio Souza, Padre Tastevin e do historiador Francisco Jorge dos Santos.

AS IMAGENS DE PORTUGAL NO ROMANCE HISTÓRICO DE PINHEIRO CHAGAS

Jane Adriane Gandra – UEG

jaggandra@ig.com.br

O espólio literário de Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), polígrafo português do período oitocentista, quase não se estuda. Talvez, em grande parte, pelo fato das histórias literárias, vê-lo unicamente como o principal antagonista da ideologia e da produção literária dos integrantes da Geração de 70. Especificamente, nesta comunicação, buscaremos discutir em alguns de seus romances históricos as imagens decadentistas de Portugal. Uma vez que, críticos como Eduardo Lourenço (1982), em “Da literatura como interpretação de Portugal”, consideram que a exclusão

da ficção histórica de Chagas do cânone português se deve pela ausência crítica em relação à situação nacional. Sob este prisma, pretendemos, portanto, demonstrar que este ostracismo é imerecido.

PESSOAS EM FERNANDO – UM DRAMA EM GENTE

Jesua da Silva Maia – UFAM
jesua.maia@gmail.com

Fernando, ou Ricardo, ou Álvaro, ou Alberto. Ou uma pessoa, mais uma, entre a multidão ao redor de cada ser humano e única Pessoa para um universo inteiro que habita dentro de si. Escrevendo sua história, delimitando sua trama, relatando seus dramas. Mas o que seria da vida sem os dramas, sem a dor do poeta? O que seria a poesia sem a Pessoa de Fernando, o que seria de Fernando sem os versos, as rimas e todo o emaranhado de personas que lhe confundiram, perturbaram e deram à luz palavras, sábias palavras, que conseguem ser reflexo de todos os sentimentos de um fingidor? Reis, Campos, Caeiro. Todos eles não existiriam sem a Pessoa de Fernando e Fernando não existiria sem todos eles dentro de si e sem deixá-los todos livres, para viver a vida-morte de existir para o mundo de um sonhador.

O SENSACIONISMO DE ALBERTO CAEIRO

João Paulo Cardoso Alves – UFAM
Joaoalves500@gmail.com
Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM
elaine.andreatta@hotmail.com

Toda a obra poética de Fernando Pessoa gira entre o duelo pensamento-sensação, tendo o poeta, de acordo com cada personalidade heteronímica, assumido uma posição diferente. Como saída para este impasse, formulou uma teoria estética que batizou por Sensacionismo. O princípio fundamental dessa estética é que “a base de toda arte é a sensação”. Assim, o programa sensacionista pretende derrubar o império da razão. Alberto Caeiro fundou essa corrente, com sua poética da negação máxima ao pensamento, e por meio das sensações obtidas através dos elementos da natureza, procura sentir as coisas sem pensá-las. Os dois

outros principais heterônimos pessoanos, Ricardo Reis e Álvaro de Campos foram também sensacionistas, cada um à sua maneira, o primeiro, clássico, e o segundo, modernamente paroxista. Esta proposta de painel tem por objetivo analisar o Sensacionismo na obra de Alberto Caeiro, destacando o poema IX da série *O Guardador de Rebanhos, Sou um guardador de rebanhos*. Amparamo-nos, para a fundamentação teórica, na ideia de imaginação material do filósofo francês Gaston Bachelard, segundo a qual cada elemento natural representa na poesia um estado de alma, de consciência, atribuindo aos poetas que se utilizam do elemento natural terra com maior frequência, calma, leveza e lucidez. Alberto Caeiro, de todos os heterônimos, é o mais telúrico. Este trabalho, vinculado ao Projeto Fio de Linho da Palavra (DLLP-ICHL-UFAM), teve quatro etapas de elaboração: escolha do autor, leitura da obra, eleição de um poema e sua análise.

MÃE: o novo parto da Língua Portuguesa

Joilson Mendes Arruda - UNIR
joilsonro@yahoo.com.br

O título deste trabalho é uma referência às palavras de José Saramago, que declarou ter tido “a sensação de estar diante do novo parto da Língua Portuguesa” ao ler *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe. Com este trabalho, que é prévia de uma dissertação de mestrado, pretendemos propor uma leitura ao referido romance à luz da crítica sociológica, desenvolvida por Antonio Candido, e do conceito de neofantástico, apresentado por Jaime Alazraki. Partimos da hipótese de que há no romance um dado social que integra a sua estrutura, a condição feminina, e que esta é permeada por eventos insólitos que potencializam esse dado enquanto denúncia social. *O remorso de baltazar serapião* é narrado em primeira pessoa pelo próprio protagonista baltazar, ele é um rapaz que se casa com ermesinda contra a qual impinge castigos físicos e psicológicos, chegando a entortar-lhe um pé, um braço, arrancar-lhe um olho e afundar-lhe o crânio. A violência sofrida por ermesinda simboliza a violência sofrida por mulheres no mundo todo. Outros dispositivos técnicos textuais também nos levam a essa leitura, tais como o número menor de diálogos para personagens femininas, bem como falas de conteúdo piedoso. A narrativa se passa num espaço e tempo não especificados, porém feudais. Temos entre os eventos insólitos uma vaca, a sarga, como membro da família, que em determinada

passagem age como heroína, uma maldição que levará baltazar a morte, entre outros. Sendo o fantástico transfiguração do real, parece-nos legítimo uma leitura que alie social e insólito.

O RETORNO DO ÉPICO

Jorge Fernandes da Silveira – UFRJ
jfdasilveira@uol.com.br

Releitura da subjetividade épica na literatura portuguesa, vinculada a uma supervalorização do herói na ficção poética camonianiana (século XVI), por meio da investigação do que é próprio da modernidade na poesia de acontecimentos, isto é, em poemas em que há relatos de situações de (des)concerto entre o sujeito e a sua circunstância, com a atenção voltada para as obras de Cesário Verde (século XIX), Fernando Pessoa/ Álvaro de Campos, Jorge de Sena e Luiza Neto Jorge (século XX)

AS RELAÇÕES DE PODER E SUBMISSÃO, EM *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO

José Benedito dos Santos – UFAM
profbenesantos@hotmail.com

A presente comunicação tem como objetivo analisar as relações de poder e submissão, em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), romance do escritor moçambicano, Mia Couto, tomando por base as propostas teóricas da literatura contemporânea e as relações com o pós-colonialismo. A escolha desse romance justifica-se pela presença, no espaço enunciativo das vozes femininas, dada a situação de submissão e de silenciamento no contexto histórico e colonialista moçambicano. Nesse sentido, as obras de Mia Couto interessam aos estudos culturais e literários porque, ao trazer essas vozes silenciadas para o espaço enunciativo, do referido romance, para contarem as suas histórias e as histórias de outras mulheres que vivem sob o domínio do silêncio, em Moçambique pós-colonial, o autor almeja restituir a voz negada e o rosto desfigurado dessas mulheres para a literatura africana contemporânea escrita em Língua Portuguesa.

A NARRATIVA BREVE DE TEOLINDA GERSÃO: Um diálogo entre o real e o fantástico

José Rodrigues de Paiva – UFPE
rodriguespaiva@uol.com.br

Notabilizada como romancista desde a publicação do seu primeiro livro, *O silêncio*, em 1981, Teolinda Gersão, depois da produção de uma série de romances em que se destacam as marcas de algum experimentalismo formal e a diversidade de temas que vão desde questões de ordem política, social, histórica, ideológica ao da condição da mulher no cenário português, aos vários questionamentos de ordem existencial ou ao da autorreflexividade da Arte – particularmente da literatura –, abriu, no conjunto da obra romanesca, um “intervalo” em que se dedicou à produção de narrativas breves. É sobre elas que pretendo discorrer neste estudo enfatizando o possível diálogo entre o real (que predomina no conjunto de romances) e o “fantástico”, como aparenta ser a transfiguração da realidade (que por vezes assume traços simbólicos ou alegóricos) tal como é percebida por determinadas personagens dos seus contos. O estudo centra-se particularmente em *Os anjos*, devendo ter, de futuro, desdobramentos que alcançarão as coletâneas de contos *Histórias de ver e andar* e *A mulher que prendeu a chuva*, sendo este o resultado da primeira etapa da pesquisa.

LIRISMO E NARRATIVIDADE: a prosa poética de Mário de Sá-Carneiro

Karine Costa Miranda – UFPI
karine_letters@yahoo.com.br

Este trabalho pretende revisitar os textos “Eu-próprio o Outro” (1915) e o poema “Manucure” (1915), do escritor português Mário de Sá-Carneiro, por meio de um estudo comparativo que procura tangenciar o flerte temático que caracteriza essas obras de latente lirismo poético. Com base em análises substanciais, é possível perceber como a obra lírica funde-se com a narrativa, tipificando a constituição em prosa poética. Deste modo, intenciona-se relacionar o conto e o poema a partir dos estudos que recobrem esse tema à luz das reflexões e teorias acerca da narratividade. O trabalho pretende, portanto, analisar a tessitura da poesia e prosa poética carneiriana, bem como o modo como os gêneros se encontram.

ALBERTO E ANTONIO BACELAR: o erotismo em devaneio

Kenedi Santos Azevedo – UERJ/UFAM
kenedi.santosazevedo@gmail.com

Em um trabalho de teor comparatista, pretende-se fazer a leitura das obras do poeta português Al Berto, *O Medo*, de 2009, e do amazonense Antonio Bacelar, *Na flor do maracujá*: contos e poemas, de 2010, averiguando a forma que ambos expressam o erotismo em seus poemas. Al Berto, por exemplo, se utiliza das manifestações homoafetivas, em meio ao devaneio, ao delírio, e ao real, instituindo, assim, uma nova dicção no fazer poético contemporâneo de Portugal. Enquanto Antonio Bacelar ilustra experiências e sonhos eróticos cujos momentos pueris retornam por meio das recordações de figuras femininas, com corpos sensuais e olhar inebriante, reveladoras dos voluptuosos instantes de prazer na juventude. Para tanto, serão utilizadas obras teóricas que sustentem os objetivos deste estudo, como *Ética, sexualidade e política*, de Michel Foucault, *Leituras do sexo*, organizado por Christine Greiner e Claudia Amorim, além de *Literatura e homoerotismo em questão*, de José Carlos Barcellos e *A dupla chama: amor e erotismo*, de Octávio Paz.

EM BUSCA DA ORIGEM PELA ORALIDADE

Keila Cirqueira Cardoso Nunes – UFAM
keylacardoso@hotmail.com

Brasil e Angola são nações que possuem marcas profundas de um intenso processo de colonização. Essas marcas erigem uma tensão entre os elementos genuínos e os impostos pelo dominador. Tentar aproximar esses lados é nossa função nesta época de inter-relações globais. Nesse contexto, que este trabalho assume tarefa importante, pois se propõe a analisar traços da oralidade pautados no estudo comparativo do escritor brasileiro Manuel de Barros em sua obra *Memórias Inventadas – As infâncias de Manuel de Barros* e o escritor angolano Ondjaki em sua obra *Há prendisajens com o xão*, visto que tal característica é presente tanto no projeto estético de Barros quanto de Ondjaki. Acredita-se que esses poetas fazem uso dos recursos expressivos orais como elemento fortalecedor

de suas raízes identitárias. As configurações de suas produções, tanto a poesia quanto a prosa, deixam claros os traços semelhantes de suas origens, firmando a identidade cultural dos dois países e de suas literaturas. E nesse viés, Alfredo Bosi pontua que é na raiz de todo o processo da fala que reside uma vontade-de-significar a qual produz os fenômenos de expressão e de comunicação.

OS MAIAS DE MARIA ADELAIDE AMARAL: Releituras em torno da composição da mulher e da condução da narrativa de Eça de Queirós

Kyldes Batista Vicente – Unitins
kyldesv@gmail.com

Este trabalho propõe-se à análise de como a minissérie *Os Maias*, exibida em 2001 pela Rede Globo e reapresentada em 2012 no Canal Viva, retoma os romances *Os Maias*, *A Relíquia* e *A Capital*, do escritor português Eça de Queirós. Serão discutidas as estratégias dos roteiristas de televisão, liderados por Maria Adelaide Amaral, para a apresentação do texto queirosiano na televisão brasileira. Neste texto, estarão em análise as estratégias de composição da figura feminina, o entrelaçamento das tramas e a condução da narrativa. O exame da minissérie será realizado a partir da comparação entre os textos de Eça de Queirós e os roteiros assinados por Maria Adelaide Amaral, observando-se a adaptação do texto literário aos influxos televisivos. Com isso, contempla-se o eixo temático “Tradição e modernidade na literatura portuguesa: (re)discussão do cânone”.

UM HOMEM SORRI À MORTE – COM MEIA CARA: Exílio, memória e autobiografia em José Rodrigues Miguéis

Laerte Fernando Levai – USP
laertelevai@usp.br

Um homem sorri à morte - com meia cara é a obra mais pungente da carreira literária de José Rodrigues Miguéis. Considerada “narrativa autobiográfica” pelo próprio autor, que lhe conferiu veracidade desde o paratexto, suas páginas descrevem o drama por ele vivenciado em 1945, como paciente do setor neurológico de um hospital em Nova York. No

limiar da morte e acometido por uma paralisia facial que lhe impedia até mesmo o sorriso franco, o narrador autodiegético assume-se como personagem, testemunha-sobrevivente e contador de sua própria história, que também pode ser a história da condição humana.

Em meio a essa situação-limite, Miguéis expatriado saudoso do espaço matricial lisboeta revela em si aquilo que Eduardo Lourenço denomina *duas almas*: o homem dividido entre o ficar e o partir, entre a dureza do exílio e a memória afetiva, entre a paisagem de concreto armado e a brisa do oceano purificador. Doente em terra estrangeira e sem perspectivas de reintegração às origens, resta-lhe a *sagrada ficção*. Tanto que, preso ao leito hospitalar, ali concebeu o conto *Regresso à Cúpula da Pena*, tido por Óscar Lopes como o “poema em prosa do regresso português à Pátria”. Vislumbra-se em *Um homem sorri à morte – com meia cara*, fruto da mais singular experiência existencial do autor, elementos de autenticidade e de verossimilhança capazes de estabelecer as dualidades da vida de José Rodrigues Miguéis *ele mesmo*, fazendo com que sua narrativa autobiográfica transcenda o plano individual para alcançar a universalidade das obras de arte que merecem ficar clássicas.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE LOBO ANTUNES EM OS CUS DE JUDAS: uma análise narrativa e ficcional

Lila Léa Cardoso Chaves Costa – UFPI
lilaleaccchaves@yahoo.com.br

O romance *Os cus de Judas* focaliza a capital de Angola realizando uma crítica ao colonialismo numa representação da guerra e do sujeito africano. Apresenta-se com uma escrita repleta de metáforas e experiências narrativas que ampliam as discussões na tênue fronteira entre o romance e a história, o que não suprime as representações num diálogo onde se reavalia as consequências da guerra colonial. O cerne da pesquisa são os elementos ficcionais, o narrador e a importância da obra na literatura contemporânea, que expõe situações pertinentes às discussões relacionadas à condição humana possibilitando vários olhares. A metodologia utilizada para nortear a construção desse trabalho tem como base a pesquisa qualitativa da fortuna crítica em torno da obra, as interpretações dos elementos ficcionais e a estrutura narrativa, organizando-se em duas etapas que atuam de forma simultânea: a pesquisa teórico-bibliográfica e análise detalha-

da do corpus. O aporte teórico sustenta-se basicamente em Gerard Genette (1982), Jobim (2003) e Jovita Noronha (2010) que permeará de maneira relevante nosso estudo a fim de que possamos realizar a análise narrativa e ficcional do romance. Pode-se considerar *Os cus de Judas* como um relato retrospectivo partindo da existência de um narrador que enfatiza suas experiências e personalidade de uma forma possivelmente autobiográfica.

O TEATRO QUINHENTISTA NO SÉCULO XXI: um diálogo entre dois tempos

Lucila Vieira – PIBIC/UFBA

lucilattr@yahoo.com.br

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq

marciomuniz@uol.com.br

Este trabalho foi idealizado nas reuniões do grupo de pesquisa “Texto em Cena”, orientado pelo Prof. Dr. Márcio Coelho Muniz, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e tem por objetivo analisar a *encenabilidade* dos autos anônimos portugueses do século XVI. Considerando e ciente de que esses autos chegaram-nos exclusivamente através da via textual, a proposta que se apresenta pretende promover um diálogo com a teoria dramática contemporânea, leia-se: a encenação moderna, que, sem desprezar o texto, presentifica a figura do diretor, do ator, do espetáculo e outras manifestações. Concomitantemente à investigação teórica dos autos, o grupo supracitado agrega à pesquisa a realização de leituras dramáticas públicas que endossam a experiência de *encenabilidade* dos autos anônimos quinhentistas no cenário teatral do séc. XXI.

A TRAGÉDIA ENTRE IRMÃOS RECONTADA EM CAIM E EM *DOIS IRMÃOS*

Luziane Jaques Dantas – UEA

luziane_dream@hotmail.com

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

veronicaprudente@yahoo.com

O presente trabalho é uma análise comparativa do conto “Caim”, de Jorge de Sena, com o romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum sob o viés da intertextualidade segundo Julia Kristeva. O conto narra a história

dos irmãos Caim e Abel e sua relação com Jeová demonstrando o antagonismo entre os irmãos: Caim é vingativo, invejoso, perspicaz e austero; Abel é o irmão bondoso e perdoador, tal qual o mito judaico-cristão. A maldade e rivalidade entre os irmãos em ambas as narrativas teria uma possível origem na questão da preferência: no conto, a preferência é de Jeová por Abel, e em *Dois Irmãos* é de Halim por Yaqub e Zana por Omar, portanto os pais apresentam uma atração intensa por um dos filhos, o que gera um grande problema familiar. Dessa forma, o principal foco deste estudo é analisar o sentimento vingativo que Caim e Yaqub têm para com seus respectivos irmãos.

CULTURA, LÍNGUA E LITERATURA: danças, polissemias e narrativas orais como Vozes Lusófonas na Região do Médio Solimões

Manoel Domingos de Castro Oliveira – UEA
mdomingos13@gmail.com

Este projeto teve como foco de estudos a cultura portuguesa introduzida através dos falantes da língua lusitana no Amazonas, o que resultou numa permanência da manifestação cultural lusófona dessa Língua, através das danças, da Literatura, das narrativas orais e da religião que muito contribuíram para a expansão da Lusofonia nesse vale amazônico. O marco teórico para que se fizesse um aprofundamento desse tema teve como norte as reflexões de BARTHES (2008), SARAIVA (1999), BATISTA (2007), HALL (2004), MONTEIRO (1977), WAGLEY (1988). O corpus para referendar esse trabalho teve como base o material bibliográfico e relatos importantes sobre a cultura portuguesa permanente em cidades amazonenses do Médio Solimões, e o *modus vivendi*, relação sujeito/ espaço, a fim de se conceber uma visão de mundo, do local ao universal sobre as expressões lusófonas no Amazonas. O método abordado foi o fenomenológico que desvela o fazer subjetivo nessa interculturalidade através de técnicas como entrevistas, relatos e análise de textos que vão se constituindo ao longo do estudo, em constatações e descobertas socioculturais pelas incessantes observações e interações na dialogia cultural. Em primeiras instâncias, mediante a pesquisa, o povo vem se configurando como vetor e artífice da cultura lusitana no Amazonas.

HENRIQUETA LISBOA E SOPHIA DE MELLO ANDRESEN: diálogo e concepção do fazer poético simbolizado pela morte

Marcia de Mesquita Araújo – UFC
luamarcia@gmail.com

Cid Ottoni Bylaardt – UFC
cidobyl@ig.com.br

Este trabalho pretende mostrar como a poesia de Henriqueta Lisboa e a poesia de Sophia de Mello B. Andresen possibilitam um diálogo com o pensamento de Maurice Blanchot sobre a fazer poético. O entrecruzamento desses três textos, literários e teórico, se aproxima por reflexões acerca do processo da escrita literária. Há concepção de escrita simbolizada pela morte, não a morte em um espaço físico, em sua possibilidade soturna, de mundo real, mas dentro do espaço literário e em sua polissemia. Assim estaremos diante da construção de um novo olhar: indeterminado, inconsistente, mas plenamente liberto, independente, propondo-se pensar o lugar da literatura como espaço para além do infinito, do absoluto, no caminho do qual o escritor renegaria o mundo físico e sua existência real para a autonomia da escritura, da obra de arte. Concepção esta somente possível pela linguagem literária.

“A FRATURA INCURÁVEL” EM A SELVA: FERREIRA DE CASTRO E A EXPRESSÃO DA TOPOFILIA

Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA
marciamanir@hotmail.com

O objetivo dessa comunicação é realçar na obra neo-realista *A Selva*, de Ferreira de Castro o fenômeno do exílio e suas implicações na expressão do sentimento de afeto pelo lugar, particularmente manifestado pelo protagonista Alberto. A partir das considerações de Edward Said em *Reflexões sobre o exílio* e nas ideias fenomenológicas e existencialistas de Yi-Fu Tuan nas obras *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, publicada no Brasil em 1980, e em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, no Brasil desde 1983, será dada ênfase a essas questões, notadamente imbricadas na composição desse romance híbrido da língua portuguesa.

REFLEXÕES SOBRE O CÂNONE DA DRAMATURGIA PORTUGUESA NO SÉC. XVI

Márcio Ricardo Coelho Muniz –UFBA/CNPq
marciomuniz@uol.com.br

As histórias da literatura e da dramaturgia em Portugal são unânimes em reconhecer Gil Vicente como maior nome da literatura dramática portuguesa até nossos dias. Antônio José Saraiva, em trabalho crítico clássico sobre a obra vicentina, chega a afirmar que ela é “a única [razão] pela qual merecemos [os portugueses] figurar numa história mundial do teatro” (1981 [1942], p. 10). Se essa apreciação crítica é considerada válida para os mais de cinco séculos do teatro português, quando focamos exclusivamente o séc. XVI, período em que Vicente viveu e produziu sua vasta obra, a luz dos autos vicentinos ofusca até mesmo o teatro humanista de Camões ou de Antônio Ferreira. Todavia, penso que esta hegemonia começa a ser relativizada. Contribui definitivamente para a flexibilização daquela visão dogmática a publicação de autores e textos anônimos do teatro português do séc. XVI empreendida pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa, coordenada pelo professor José Camões. Tendo em vista a quantidade e a qualidade desses autores e textos, pretendo discutir e propor a flexibilização dessa visão canônica estrita.

DOIS ESCRITORES PORTUGUESES NO AMAZONAS3

Marcos Frederico Krüger Aleixo – UFAM
marcosfrederico@uol.com.br

O primeiro documento literário no Amazonas é um poema épico de autoria de Henrique João Wilkens, um militar português a serviço da colonização. Seu livro trata dos índios muras, que moveram intensa guerra contra os brancos. No século XIX, outro escritor português integra os quadros do Romantismo regional: Francisco Gomes de Amorim, que escreveu um romance intitulado *Os Selvagens*, de acordo com a tendência indianista. O pano de fundo histórico é a Cabanagem, rebelião que aconteceu na década de 1830. A comunicação vai comparar as duas obras e mostrar a ideologia que as enforma, além de se pronunciar sobre a importância literária que possuem.

AS TOADAS DE BOI BUMBÁ E AS CANTIGAS MEDIEVAIS

Maria Celeste de Souza Cardoso – UEA
celeste_cardoso23@yahoo.com.br

Este artigo propõe-se a discorrer sobre as toadas de boi bumbá da cidade de Parintins, relacionando-as às cantigas medievais. Para isso faz-se necessário analisar e comparar os elementos que as compõem, porque as cantigas são pequenos poemas musicalizados que expressam sentimento de amor, exaltação, adoração, outras vezes, zombam e ironizam pessoas e situações. As toadas também expressam amor, sentimento e exaltação pelo boi bumbá preferido e, no caso das toadas de desafio, o amo do boi utiliza da ironia e da sátira para com o bumbá contrário. A temática das cantigas se aproxima da temática das toadas: lírica e satírica. A partir desses elementos comuns pretende-se demonstrar outras semelhanças e até mesmo diferenças que façam parte desse contexto poético, perpassando pelo período medieval até aproximar-se do atual.

FERNANDO AGUIAR E ARNALDO ANTUNES: palavra poética para além da escrita

Maria das Graças Vieira da Silva – UFAM
graav12@gmail.com

Tanto o poeta português *Fernando Aguiar*, quanto o brasileiro *Arnaldo Antunes* extrapolam o uso da linguagem escrita em suas poesias. Oralizadas e performatizadas, as encontramos em vídeos disponibilizados pela Internet, sempre resultantes de eventos presenciais por eles realizados. Por isso, este artigo se propõe tecer comentários sobre essas poesias e seus meios. Para tanto, escolhemos um vídeo de Fernando Aguiar em 2011 *Poetas por km². Poético Festival. Madrid 22/10/2011*, e outro de Arnaldo Antunes, performance em vídeo do poema *agá*, realizado no Poética 2011 do Teatro Escola SESC, somado também, à oralização no CD que acompanha o livro 2 ou + corpos no mesmo espaço. Livro da coleção *signos*, edição 2009, lançado em 1997, pela editora *Perspectiva*. A trilha teórica seguirá a concepção de Paul Zumthor no sentido de que um poema performatizado oralmente muda de natureza e de função.

MEMÓRIAS DE MIGRAÇÕES E A INSERÇÃO
DE “RETORNADOS” EM NARRATIVAS PORTUGUESAS
CONTEMPORÂNEAS: o Tibete de África (paredes, 2006); *os
brasileiros* de torna-viagem no Noroeste de Portugal (expo-
sição, cncdp, 2000); o esplendor de Portugal (antunes, 1988)

Maria de Fátima Maia Ribeiro – UFBA
fatimari@ufba.br

A partir da obra de Eduardo Lourenço, avaliam-se os tratamentos dispensados à figura de “retornados” de Angola a Portugal, após a guerra de independência, em narrativas portuguesas das últimas três décadas, pelos escritores António Lobo Antunes e Margarida Paredes, de diferentes perfis e projetos, em cotejo a textos acadêmicos e de opinião disseminados pela internet. A leitura em contraponto pretendida encontrou em *O Tibete de África* (PAREDES, 2006) possibilidade de diálogo com *O esplendor de Portugal* (ANTUNES, 1988), enquanto textos-referência lidos em diferença. Os caminhos distintos escolhidos levantam questões cruciais de contextos de poscolonialidade quanto a diversidade/visibilidade/integração de angolanos, afroportugueses e portugueses na ex-metrópole, problematizando relações coloniais, processos identitários nacionais e étnicos, embates e dilemas de sujeitos diaspóricos (HALL). O cotejo com textos de opinião e acadêmicos ressalta os jogos de forças em ação, o alcance do imaginário e discurso coloniais, assim como expõe relações entre ficcionalidade, olhar político (BENJAMIN) e testemunho na literatura contemporânea. Em especial, discute-se a (im)pertinência do termo “retornado” nessas circunstâncias, projetando-se a correlação com anterior expressão lusa que designa figura migrante de tempos (pos)coloniais brásílicos e brasileiros: “brasileiro de torna-viagem” (CNCDP), objeto de tratamentos diferentes, convergindo no efeito de consignar um sentido de retorno à casa lusitana, como espécie de memorial ou lugar de memória (LYOTARD; NORA). Narrativas a romper silêncios e anuências, na contemporaneidade, abrem-se a discursos e contradiscursos, divergências e reiteraões, por entre mecanismos de memória/esquecimento (RICOEUR; POLLACK) das histórias e da História continuamente por (re)escrever.

EUGENIO EM VISITA A HELDER

Maria de Pompéia Duarte Santana e Souza – UCSAL
peiasouza@gmail.com

Partindo de um dos temas propostos pelo Congresso, intitulado “Tendências literárias no Portugal finissecular”, pretendemos fazer uma abordagem na poesia do final dos séculos XIX e XX focalizando um poema de Eugenio de Castro e Herberto Helder. O diálogo entre os dois poemas intitulados “Salomé” e “Amor em visita” nos revela alguns pontos em comum, sem, no entanto, pretender afirmar que o poema de Helder seja Simbolista. As temáticas de Amor e Morte assim como a sexualidade, o erotismo, a decadência são alguns dos aspectos tratados em autores finiseculares. Queremos salientar ainda que além dos vestígios do Simbolismo na obra de Helder, vemos traços do Surrealismo, os quais permanecem em boa parte do século XXI. O movimento Decadentista que virou no final do século XIX, em Portugal, absorveu os excessos pessimistas ideológicos e artísticos desse período. Por outro lado, o Surrealismo influenciou alguns autores ao longo do século XX e início do século XXI. Finalmente é importante mostrar que a atmosfera finissecular traz sempre um clima de insegurança e desregramento, refletido nas obras desse período.

CRÔNICA E TEMPO: Lobo Antunes Revisitado

Maria Elvira Brito Campos – UFPI
mebcampos@hotmail.com

Nossa proposta intenta desenvolver estudos tendo como objeto a literatura portuguesa contemporânea em diálogo com a filosofia, por meio de um instrumental teórico baseado nos conceitos de tempo e narrativa de Ricoeur, assim como de aspectos que compreendem a construção da narrativa e da memória, circunscritos por teóricos diversos, como Le Goff, António Quadros, Ricoeur, Agamben, dentre outros. Partimos da hipótese de que a construção da narrativa possibilita delinear o tempo cronológico a partir do psicológico, e que o escritor português António Lobo Antunes utiliza recursos digressivos de forma a apreender as circunstâncias que perfazem essa construção do tempo. Ao elaborar a memória de forma narrativa, vê-se a possibilidade de descrição dos fatos ontologicamente percebidos, passíveis de serem demonstrados a partir da narrativa. Para compor o *corpus* literário da pesquisa, foram definidas duas crônicas do referido

escrito: O já e o ainda e Deviam chover lágrimas quando o coração pesa muito, ambas do escritor referido, nos seus Terceiro e Quarto livros de crônicas, respectivamente, partindo da observação da reprodução do instante vivido e do instante imaginado na obra literária e do estudo da construção da narrativa antuniana como circunscrição e composição da memória.

UMA VIAGEM À ÍNDIA, DE GONÇALO M. TAVARES: UMA EPOPEIA CONTEMPORÂNEA

Maria Isabel da Silveira Bordini – UFPR
belbordini@gmail.com

O presente trabalho procura discutir a obra *Uma Viagem à Índia - Melancolia contemporânea (um itinerário)*, do escritor português contemporâneo Gonçalo M. Tavares, nas suas relações com as obras *Os Lusíadas*, de Camões, e *Ulysses*, de James Joyce, bem como na sua pertinência e contribuição ao gênero epopeia, ao qual pertence (ou pretende pertencer). *Uma Viagem à Índia* – espécie de “epopeia mental” que deseja falar não de um povo, “que é demasiado e muito”, mas apenas de um homem, simples e contemporâneo: Bloom – elabora-se na esteira d’ *Os Lusíadas* (repete a sua estrutura formal e tema da viagem ao Oriente) ao mesmo tempo em que dialoga com procedimentos (dentre os quais a apropriação de referentes da tradição literária ocidental) do *Ulysses* de Joyce. Diante disso, pretendemos analisar de que modo o gênero epopeia, enquanto narrativa fundacional de uma coletividade, é retomado e resignificado na obra de Gonçalo Tavares.

FLORBELA E PESSOA: um caso de amor?!

Maria Lúcia Dal Farra – UFS/CNPq
mldalfarra@gmail.com

O texto não passa de uma mera especulação fantasiosa acerca da possibilidade ou não de Fernando Pessoa e Florbela Espanca terem se conhecido mutuamente. Vivendo na mesma Lisboa dos cafés, das revistas literárias, das modas culturais, das exposições modernistas, das livrarias e dos eventos que ocupam manchetes nos jornais portugueses – como é possível que nem Florbela e nem Pessoa tivessem sabido da existência um do outro? O escândalo do *Orpheu* ganha em 1914 letras garrafais dos periódicos lisboetas; o episódio *Literatura de Sodoma*, que envolve a obra de dois

de seus amigos, Raul Leal e Antonio Botto, e que, por isso mesmo, obriga Pessoa a uma intervenção – se sobressai como um grande escândalo no Portugal republicano de 1923; o propalado desaparecimento, em setembro de 1930 - e com a cumplicidade de Pessoa - do Mago Crowley na Garganta do Diabo, também constitui matéria proeminente da imprensa portuguesa, alimentada dia a dia com a presença da polícia internacional. Por sua vez Florbela, embora tivesse passado em brancas nuvens pela crítica portuguesa no transcorrer da sua curta existência (ressalva feita aos maus tratos sofridos aquando da recepção de *Livro de Sórór Saudade*), foi colega de amigos de Pessoa na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e teve a notícia da sua misteriosa morte (que não podia ser ventilada como suicídio na era salazarista) divulgada em grandes ondas pela imprensa de então. A polémica que daí nasce a propósito do erguimento do seu busto no Jardim Público de Évora, e que monopoliza os principais críticos literários de então (José Régio, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio) – não teria sido do conhecimento de Pessoa, sempre atento ao ambiente intelectual, não só de Portugal, mas também de toda a Europa? Creio que a tópica do desencontro, tão cara à poesia de Florbela Espanca, faz sentido na história dessas biografias literárias. Certamente Florbela e Pessoa se viram, se cruzaram um dia “numa rua da Baixa”... mas nunca se reconheceram!

BRINQUEDO DE PALAVRAS

Maria Sebastiana de Moraes Guedes – UFAM
msmguedes@yahoo.com.br

Trabalhar a linguagem literária em autores como o angolano Ondjaki e o brasileiro Manuel de Barros impõe a leitura de nosso maior experimentador com as palavras: Guimarães Rosa. Ao mesmo tempo, ao nos depararmos com os textos desses autores nos vem à lembrança manifestos da primeira fase do Modernismo Brasileiro. Quem não se lembra do movimento Antropofágico ao ler “*Há prendisajens com o xão*”? Uma das reivindicações dessa época, chamada anarco-experimentalista, é o ilogismo, afirmado pelo próprio Manuel de Barros em momento posterior “*a poesia está de mãos dadas com o ilogismo*”... “*O ilogismo é muito importante para o verso*”. Dessa forma, este trabalho tem a pretensão de evidenciar a literariedade na linguagem das obras “*Livro sobre nada*” de Manuel de Barros e “*Há prendisajens com o xão*” de Ondjaki. Apesar da diferença de sessenta e um anos e da distância que existe entre os continentes de ori-

gem desses dois poetas os dizeres se irmanan. Além disso, outro autor nos vem à memória, é o caso de Guimarães Rosa que desde a geração de 45 nos surpreende pelo experimentalismo literário com a oralidade.

A MORTE COMO FIM E A ETERNIDADE DA VIDA EM *APARIÇÃO*

Mariana Marques de Oliveira – UFRJ/FAPEAM
mmdomm@gmail.com

Este trabalho busca investigar a estrutura narrativa de *Aparição* (Vergílio Ferreira, 1959) no que se refere ao seu mote maior: o embate do indivíduo com a morte. Situado em tempos modernos, em que a morte começa a ser vista como o fim absoluto da vida, e não somente como uma passagem, pretende-se analisar de que modo *Aparição* traz questões diante da finitude do ser. Nesse contexto, surge a angústia, que neste trabalho pretende ser observada sob dois ângulos: o intrínseco, ligado principalmente ao protagonista do romance e em sua relação com o mundo, e o extrínseco, que se baseará na análise da maneira como a angústia se mostra presente no espaço do leitor do texto. Paralelamente, busca-se discutir de que modo esse sentimento se relaciona à construção da linguagem, uma vez que a atenção à *palavra* é presença constante nos romances vergilianos. Os estudos de Eduardo Lourenço, Fernanda Irene Fonseca, José Carlos Rodrigues, Luci Ruas, Sartre, entre outros, servirão como suporte teórico para a leitura de um dos maiores romances do século XX.

SOPHIA ANDRESEN E ASTRID CABRAL NO INTERVALO DA VIDA E MORTE

Maria Socorro da Silva Dantas – UFAM
marx_socorro@yahoo.com.br
Elaine Pereira Andreatta – UEA/UFAM/FAPEAM
elaine.andreatta@hotmail.com

Neste banner objetivamos analisar as imagens poéticas da vida e morte construídas em dois poemas, o primeiro, *Navio naufragado*, do livro *Dia do mar*, de Sophia Andresen, e o segundo, *Retrato do tio marinheiro*, do livro *Rasos d'água*, de Astrid Cabral, empregando como quadro teórico o

pensamento de Gaston Bachelard no livro *A água e os sonhos*, em que o autor sugere significados às imagens fluidas e aos elementos marinhos. A demonstração será também complementada por ensaios sobre as obras das duas escritoras. Este estudo integra o projeto Fio de Linho da Palavra, do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas, do qual a proponente participa como discente voluntária.

A BIOLOGIA DA MEMÓRIA NOS POEMAS DE REIS-SÁ

Matheus José Santos da Silva – UFAM
by_matheus@hotmail.com

Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM
ritapso@uol.com.br

Neste banner, propõe-se fazer a análise acerca dos poemas presentes em *Caminho de Candeeira* e *Força de Coriolis*, dois segmentos do livro *Biologia do Homem*, do escritor Português Jorge Reis-Sá. Na obra, frisa-se a memória de familiares e de amigos. Além disso, será feita a análise do termo biologia, do título do livro e relacioná-lo com os poemas. Como fundamentação teórica será utilizado o livro do filósofo francês Henri Bergson, *Memória e Vida – Textos Escolhidos*, especificamente o capítulo “A vida ou a diferenciação da duração”, em que é abordado o sistema do corpo e como o espírito o afeta, além da capacidade humana de transformar os atos em linguagem. Esta análise apresenta meus resultados parciais como discente voluntário no Projeto Fio de Linho da Palavra, do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas.

O EROTISMO: da criação à manifestação do desejo e sedução na poesia hatherliana

Matthews Carvalho Rocha Cirne – UFAM
matthews_cirne@hotmail.com

Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM
ritapso@uol.com.br

Na antologia *A idade da escrita e outros poemas*, da poeta portuguesa Ana Hatherly, o prefaciador Floriano Martins assinala três aspectos que ilustram a poesia hatherliana: a ironia, a metalinguagem e o erotismo. A

própria escritora de imagens afirma que “sem erotismo não há criação”. É a partir da identificação feita por Martins e das palavras da própria escritora, que se propõe averiguar a maneira como Hatherly experimenta o erotismo em seus poemas, seduzindo o leitor através da palavra, em virtude dos novos modos de leitura na poesia portuguesa contemporânea. Este trabalho está fundamentado principalmente na obra *O erotismo*, de Georges Bataille, faz parte das produções do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP) e apresenta parte dos resultados do projeto de pesquisa intitulado *O grafismo na antologia A idade da escrita e outros poemas, de Ana Hatherly*.

PORTUGAL EM REVISTA: o romance de Lília Jorge (1980-2011)

Mauro Dunder – USP
dunder@usp.br

Desde a publicação, em 1980, de *O dia dos prodígios*, a obra de Lília Jorge, mais especificamente seu romance, tem apresentado uma relação bastante íntima com a história de Portugal, notadamente os desdobramento político-sociais da Revolução dos Cravos (1974). Ainda que tal relação nem sempre se dê a ver de maneira explícita, a trajetória de vida das personagens de Lília Jorge guardam traços e eventos que demonstram, aos olhos da autora, o modo de vida português revisitado, consequente das transformações que o país viveu após a insurreição que pôs fim a quase meio século de ditadura, em uma perspectiva que navega da constituição ontológica para a configuração social das personagens. Nesta comunicação, pretende-se abordar os traços da obra romanesca de Lília Jorge que tenham colaborado para construir tal configuração, especialmente nos romances *O dia dos prodígios*, *O cais das merendas*, *Notícia da cidade do silvestre*, *O jardim sem limites*, *O vale da paixão* (em sua versão brasileira, denominada *A manta do soldado*) e o mais recente romance da escritora, *A noite das mulheres cantoras*. É também intenção desta comunicação mapear a discussão acerca da identidade portuguesa apresentada pela obra da autora, a partir do diálogo com pensadores da realidade portuguesa, como Eduardo Lourenço e Miguel Real.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM *FREI LUÍS DE SOUSA*

Mayara Gonçalves Rodrigues – UEA

mayaratefe@gmail.com

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

veronicaprudente@yahoo.com

O presente trabalho pretende discutir a repercussão do mito sebastianista e seus desdobramentos entre os personagens D. João de Portugal, D. Madalena de Vilhena, D. Manuel de Sousa Coutinho e Maria de Vilhena na obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garret. Considerado um escritor que funda uma concepção moderna de literatura em Portugal, criando mundos particulares através de sua sofisticação formal, a peça teatral inaugura temas relevantes para a sociedade portuguesa, é considerada de elevada importância para o teatro português e uma das obras primas do teatro romântico europeu. De cunho nacionalista e liberal, *Frei Luis de Sousa* apresenta ao mesmo tempo dois enredos, a saber: um histórico e outro amoroso. No primeiro, observa-se a luta contra os filipinos, pois segundo a visão garretiana não seria possível construir um futuro, olhando para o passado; no segundo apresenta-se a questão do desejo — a ousadia de D.Madalena em casar-se novamente — ato que não correspondia ao comportamento esperado de uma mulher naquela sociedade. Ao tratar de tais temas, Garrett permanece atual no que diz respeito a pensar numa constante reformulação de uma identidade portuguesa à beira-mar, sempre marcada por chegadas e partidas.

A CONFIGURAÇÃO DA PERSONAGEM DO PARVO NO AUTO DA AVE MARIA DE ANTÔNIO PRESTES

Mayara Rosa Lima de Souza – UFBA/ FAPESB

mayarapink.souza@gmail.com

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/ CNPq

marciomuniz@uol.com.br

A personagem é um dos elementos imprescindíveis na construção de um texto dramático, uma vez que através dela é desenvolvida toda a ação textual, seja pelo discurso, pela atuação, ou por outros elementos que as configuram. Partindo desse pressuposto, objetiva-se neste trabalho investigar como se dá a construção das personagens do Parvo nas obras de Antônio Prestes, dramaturgo do quinhentismo português, que,

segundo Teófilo Braga, foi um dos principais autores da denominada “Escola Vicentina”. A análise se dará através de aspectos comportamentais e linguísticos da personagem do Parvo no *Auto da Ave Maria*, uma das sete peças de Antônio Prestes de que temos conhecimento.

O ESPAÇO INTERCULTURAL NA POESIA DE CASIMIRO DE BRITO: UM LEGADO PARA SE PENSAR O PRESENTE

Monica Simas – USP
monicasimas@usp.br

Casimiro de Brito se destacou na cena literária portuguesa com a publicação de *Poesia 61*, desenvolvendo como outros integrantes desta ação, um percurso muito pessoal. Na sua trajetória poética, a invocação de vozes que pertencem às tradições culturais da Ásia e da Europa (além de outras), reverte-se em um modo muito próprio de mobilizar o espaço *inter*, aquele que Néstor García Canclini concebe como lugar de diferenças em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. Verificar as tensões desta poética *intercultural*, na sua já longa duração, permite que postulemos alguns princípios alternativos às crises do nosso presente.

ROMANCE PORTUGUÊS: alguns apontamentos

Moizeis Sobreira de Sousa – USP/FAPESP
moizeis.sousa@usp.br

A presente comunicação tem por objetivo traçar um painel referente ao fenômeno da ascensão do romance português entre os séculos XVIII e XIX, buscando estabelecer os eixos que estão envolvidos nessa contextura. Muito habitualmente, quando se analisa a circulação do romance em Portugal nos períodos setecentista e oitocentista, a importação do modelo de escrita romancística franco-inglês surge como ideia central, o que coloca a pátria de Camões como mera extensão do mercado de romances da França e Inglaterra. Tal máxima será colocada em causa ao longo deste trabalho. Com base na análise da obra *A brasileira de Prazins*, de Camilo Castelo Branco, partiremos da premissa segundo a qual o entrecruzamento que se deu entre os moldes externos e a tradição narrativa lusitana foi a linha que norteou a ascensão do romance em Portugal.

ELEMENTOS HISTÓRICO-SOCIAIS E A INFLUÊNCIA GREGA NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN NO POEMA “CANTAR”

Nathalia Macri Nahas – USP

Nathalia.nahas@gmail.com

Nascida no Porto, em 6 de novembro de 1919, Sophia de Mello Breyner Andresen expressa-se na Literatura Portuguesa contemporânea sobretudo por sua obra lírica. Motivada por seu fascínio pela cultura grega, ela traz elementos fundamentais dessa tradição para o desenvolvimento de sua arte poética e também para sua visão de mundo. Sua escrita é elaborada no momento em que Portugal enfrenta um dos períodos mais conflituosos de sua história: o regime ditatorial de António de Oliveira Salazar, que exerceu de forma autoritária o poder político no país entre os anos de 1932 e 1968. Dessa maneira, Sophia imprime seu compromisso com a política, trazendo à sua obra lírica o tom de liberdade e justiça. Sua relação com o contexto sociopolítico português é determinante para a aplicação da presente comunicação na medida em que dialoga com as noções de liberdade e totalidade em relação ao mundo apresentadas em sua obra lírica. Assim, por meio da análise do poema “Cantar” – presente em seu *Livro Sexto* –, procuro identificar e analisar a relação entre a obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen com elementos que se relacionem ao contexto sociopolítico de seu país. Por meio dessa análise, proponho também o estudo da imagem do sujeito contemporâneo nos poemas de Andresen e a maneira como a poeta atualiza elementos de influência helênica em um discurso moderno, revelando sua busca pela harmonia e equilíbrio entre o homem e o mundo.

O ROMANCE-FOLHETIM LUSÓFONO NO JORNAL *DIÁRIO DO GRAM-PARÁ* DO SÉCULO XIX

Neila Mendonça Garcês Lima – UFPA

neilagarces@yahoo.com.br

Este trabalho se norteia pelo estudo dos romances-folhetins publicados no jornal *Diário do Gram-Pará* - primeiro jornal de circulação diária no estado do Pará, com primeira edição em 1853. A presença de espaços destinados

à publicação de capítulos de obras literárias no citado jornal, representa o modo como se deu a disseminação do gosto pela escrita literária no estado. Dentre os romances-folhetins publicados constam algumas narrativas do escritor português Camilo Castelo Branco, autor prestigiado nas seções dedicadas à literatura nos jornais da época, como *A neta do Arcediago* (1856) e *A filha do Dr. Negro* (1864), a primeira publicada no periódico no ano de 1863 e a segunda em 1864, mesmo ano de sua edição em formato livro. O estudo tem como escopo aprofundar as informações sobre a relação entre as publicações literárias em periódicos e a formação do público leitor na Amazônia do século XIX, identificando a ocorrência de romances do citado autor nos jornais do período. Da mesma forma, o estudo visa comparar as publicações das citadas obras em formato livro e em romance-folhetim, bem como analisar a história editorial das narrativas, além dos elementos literários e culturais expressos nos textos em relação aos aspectos comuns da sociedade local.

TRAVESSIAS DO “BARCO NEGRO” – O SEQUESTRO DA MÃE NEGRA

Osmar Pereira Oliva – Unimontes
osmar.oliva@unimontes.br

O compositor brasileiro Matheus Nunes (nome artístico Caco Velho) compôs a letra e a música da toada “Mãe Preta”, gravada em parceria com Antônio Amábile (Piratini). Trata-se de uma canção de lamento, que justapõe dois temas relacionados à escravidão no Brasil: a mãe de leite negra que alimentava os filhos brancos das sinhás, e os flagelos dos escravos que apanhavam nas senzalas. Durante a ditadura salazarista (1954), o poeta David Mourão-Ferreira escreveu o poema “Barco negro”, para ser gravado na voz de Amália Rodrigues, substituindo o enredo dramático dos escravos brasileiros pelo drama lírico-sentimental da separação dos amantes, tão de acordo com a estética do fado português. Celebrada no cinema europeu (“Os amantes do Tejo”), a versão de David Mourão tornou-se mais conhecida do que o tema original, e mais conveniente ao “apagamento” das marcas da colonização portuguesa. Este ensaio pretende discutir as transformações pelas quais passaram a canção brasileira e algumas de suas interpretações no contexto da pretensa cordialidade entre Brasil e Portugal.

UMA LEITURA FOUCAULTIANA DE CONTOS EXEMPLARES

Priscila Gomes Rodrigues – UFAM
prigomes31@yahoo.com.br

A moral humana travou discussões durante muitos séculos desde a Antiguidade, e assim como o homem, também sofreu transformações até constituir a moralidade em que se dá a sociedade contemporânea. Ao longo do tempo o homem se interessou pela moralidade, e de forma gradativa, foi tema de muitas áreas do conhecimento, em destaque a Filosofia e a Literatura, esta realidade não se encontra diferente atualmente. Com isso, o objetivo deste trabalho é compreender a moral inserida na obra *Contos Exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen, através da síntese e análise dos contos que compõem a mesma, com base nos pensamentos do filósofo Michael Foucault apresentados na obra *Ética, Sexualidade, Política*.

UM OLHAR SOBRE O FIM-DE-SÉCULO EM PORTUGAL: o caso de *O Barão de Lavos*

Otávio Rios – UEA
otavorios@gmail.com

Dentro do horizonte estético do final do século XIX e primeiras décadas do XX, esta comunicação propõe-se à realização de uma leitura do romance *O Barão de Lavos*, publicado em 1891 por Abel Botelho. Trata-se, muito provavelmente, da primeira obra em língua vernácula a abordar o tema da homossexualidade sob o estigma do naturalismo, antes, por exemplo, de *O Bom Crioulo*, do brasileiro Adolfo Caminha (de 1895). Merece destaque ainda o fato de a obra ter sido alvo de escassas reedições nos espaços em língua portuguesa – todas em Portugal –, e que nunca tenha sido editada no Brasil. O cerne da leitura proposta assenta-se sobre a necessidade de revisão do cânone literário estabelecido, contribuindo, desse modo, para a divulgação do texto de A. Botelho e do ciclo “patologia social”, cujos livros que o compõe são, respectivamente, *O Barão de Lavos*, *O Livro de Alda* (1898), *Amanhã* (1901), *Fatal Dilema* (1907) e *Próspero Fortuna* (1910).

DA AUTENCIDADE E MÁ-FÉ COMO CONCEITOS EXISTENCIALISTAS EM *UMA CRÔNICA OU LÁ O QUE É* DE ANTONIO LOBO ANTUNES

Rafael Gonçalves Freire – UFPI

rafael_freire05@hotmail.com

Maria Elvira Brito Campos –UFPI

mebcampos@hotmail.com

O estudo que será apresentado tem o intuito de analisar a crônica *Uma crônica ou lá o que é* da Literatura Portuguesa Contemporânea, do escritor Antônio Lobo Antunes, sob o olhar filosófico dos temas existenciais de Sartre. A Autencidade e a Má-Fé serão os conceitos sartreanos usados como viés para essa análise. Lobo Antunes coloca nas páginas desta crônica a expressão da subjetividade do narrador. Pela brevidade, concisão e fluidez temática ele questiona o que de mais profundo conforma a condição humana e nos mostra o que é a sua arte literária, fortemente marcada por uma estrutura bem elaborada e pensada. Tal estudo tem o intuito de desenvolver o senso crítico a respeito da condição humana e de como o homem se comporta frente aos obstáculos que a vida coloca.

O RISO QUE ECOA NO TEATRO BILÍNGUE DE SIMÃO MACHADO

Renata Brito dos Reis – UFBA/ CNPq

rbreisrenata@gmail.com

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq

O presente trabalho é desdobramento de um projeto maior intitulado “Para uma revisão da *Escola Vicentina*” coordenado pelo Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz. Tal projeto tem por objetivo revisitar a chamada *Escola Vicentina* através de uma perspectiva sócio-histórica que nos permita projetar luzes em direção aos autores contemporâneos e posteriores a Gil Vicente. Nesse sentido, tendo em vista que a história do teatro português sempre colocou o teatro de Gil Vicente em lugar de merecido destaque, mas relegou a um lugar de esquecimento os seus coetâneos e posteriores, propomos um estudo das obras de Simão Machado, poeta e dramaturgo português do século XVI, a saber: *Cerco de Diu* e *Pastora Alfea*. Nestas obras, observamos uma reivindicação do diálogo bilíngue,

de cunho vicentino, que corrobora para a importância de lançar um olhar mais apurado sobre essa tradição representada, principalmente pelo teatro de Gil Vicente, levantando, dessa forma, os elementos temáticos, linguísticos, sociais, culturais e teatrais que aproximam e distanciam o teatro machadiano do teatro vicentino. Sendo assim, buscaremos analisar, nas comédias machadianas, de que forma o risível se instaura por meio da linguagem com base na teoria do riso proposta pelo filósofo francês Henri Bergson, sem perder de vista as relações que poderemos traçar entre os dois teatrólogos: Simão Machado e Gil Vicente.

INQUIETAÇÕES DE ENSINO: quem lê a novíssima produção Literária Portuguesa?

Rita Aparecida Coelho Santos – UNEB
rtls1@hotmail.com

Após apresentar um breve histórico sobre a reformulação dos currículos de Letras, em que o ensino da Literatura Portuguesa ficou relegado, geralmente, a duas disciplinas de 30 ou 60 horas, discuto o novo perfil dos cursos de Letras Vernáculas, sobretudo no âmbito da UNEB, a fim de refletir o lugar dessa literatura na formação discente.

OLHARES PERDIDOS ENTRE FANTASMAS E O NÚCLEO DA VIDA

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM
ritapso@uol.com.br

A escrita poética de Nicolau Saião desdobra-se em imagens plásticas em cujo processo o poeta se sente um motor alquímico pelo qual cozinha quadros e versos. Esse jogo artístico está esboçado em Olhares perdidos, edição organizada por Floriano Martins, dada a lume pela Escrituras Editora, em 2006. O livro reúne poemas e desenhos do citado artista português e revela a inquietação do sujeito perante as dúvidas decorrentes de transformações que têm destruído verdades nas esferas do conhecimento. Nessa comunicação, propomo-nos a discutir a resistência do sujeito do poema concretizada como negação do automatismo sob o qual o homem se deixa

ficar e o redimensionamento de seu olhar para o próprio corpo e além dele, buscando “o silêncio para além da luz entre os olhos de uma fera morta”. Demonstraremos que a reconfiguração do olhar do sujeito faz uma espécie de diálogo com a crítica de Merleau-Ponty sobre o excesso de ciência que coloca o mundo em suspenso, contra a qual, porém, a palavra e os gestos ruminam e, assim, despertam ou desautomatizam o corpo.

CALEIDOSCÓPIO DA POESIA PORTUGUESA DO FINAL DO SÉCULO XX

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira – UFAM
ritapso@uol.com.br

A literatura ocidental do final do século XX é marcada pela plenitude e dissolução das formas tradicionais da linguagem, conforme observamos nas obras de Borges, Milton Hatoum, Saramago e Calvino, entre tantos. Segundo Octavio Paz, esse fenômeno mostra-se pela analogia entre o corpo e do poema, em que o primeiro estabelece correspondências sensoriais instantâneas, e o segundo sintoniza o inteligível e o sensível, gerando imagens de libertação e de vacuidade em um instante incomensurável. Neste texto, proponho-me a discorrer sobre esse paradoxo na poesia de Sophia Andresen, Ana Hatherly, Luiza Neto Jorge, Nicolau Saião, Casimiro de Brito e Nuno Júdice, expressos pelo diálogo com as outras artes e a retomada, em outra esfera, de movimentos artísticos, com o erotismo, bem como pela necessidade do intervencionismo político.

NUNO JÚDICE E AS CONCEPÇÕES DO AMOR

Salomão de Oliveira Praia – UFAM
salomao.praia@hotmail.com
Rita do Perpétuo S. B. de Oliveira – UFAM

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar as diferentes concepções do amor na antologia *Por dentro do fruto a chuva*, do poeta português Nuno Júdice, e os objetivos específicos constituem-se em revelar o amor sensual, por meio da descrição da pessoa amada, como no poema intitulado *Retrato*, e demonstrar a impossibilidade de definir o sentimento amoroso, conforme se lê no poema *Amor*. Será empregada como emba-

samento teórico a crítica temática segundo as ideias de Gaston Bachelard, que leva em conta a predominância de um dos quatro elementos, o fogo, a água, o ar e a terra, na determinação das diversas imaginações poéticas. No atual estágio do estudo, verificamos que ora predomina um desses elementos, ora coexistem dois ou mais no livro de poemas em análise. O estudo será complementado com o livro *A História do amor no Ocidente*, de Denis de Rougemont. Este trabalho constitui-se de resultado parcial da investigação do proponente no Projeto de Pesquisa Fio de Linho da Palavra, do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, no qual é discente voluntário.

NARRATIVAS FICCIONAIS PORTUGUESAS EM FOLHETIM N' A PROVÍNCIA DO PARÁ (1880-1889)

Sara Vasconcelos Ferreira -UFPA/CNPq

vasc_sarah@hotmail.com

Germana Maria Araújo Sales - UFPA/CNPq

gmaa.sales@gmail.com

O objetivo deste trabalho é verificar a circulação de narrativas ficcionais de autores portugueses durante a década de 80 do século XIX publicados no *folhetim* do jornal *A Província do Pará*. Constatamos que as narrativas portuguesas eram recorrentes nessa folha, embora restrita, na maioria das vezes, a contos e crônicas. Depois dos franceses, os portugueses são os autores mais frequentes no *folhetim* desse periódico paraense e no rodapé do jornal verificamos a presença de Eça de Queiroz e outros autores conhecidos como Pinheiro Chagas, Maria Amália Vaz de Carvalho e Alberto Braga. Esses dados foram obtidos a partir de uma pesquisa nos jornais microfilmados disponíveis no Laboratório de Linguagem da Universidade Federal do Pará (UFPA) e no setor de microfilmes da Biblioteca Pública Arthur Vianna e constitui parte dos resultados dos projetos de pesquisa Trajetória literária: a constituição da história cultural em Belém no século XIX (CNPq) e Memória em periódicos: a constituição de um acervo literário (CNPq).

CAMILO CASTELO BRANCO E JOSÉ DO TELHADO: a construção do herói ambivalente

Silvana Bento Andrade – UTAD
silbandrade@gmail.com

O presente trabalho constitui parte da tese de doutoramento em Língua e Literatura Portuguesa, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD. Procura-se verificar como Camilo Castelo Branco, no capítulo que dedicou ao salteador português José do Telhado (1818-1875), em suas *Memórias do Cárcere*, construiu a imagem heróica em torno do célebre quadrilheiro, no período em que com ele conviveu nas dependências da Cadeia da Relação do Porto. Focalizamos, em nosso estudo, a ambivalência da caracterização do herói popular, nomeadamente o herói-bandido, aquele que ocupa lugar de reverência no imaginário popular, situado entre o bem e o mal, ao mesmo tempo, admirado e temido. Ao profícuo prosador romântico coube imortalizar, no imaginário e no patrimônio cultural de seu povo, o perfil heróico de José do Telhado, dando-lhe o “vulto de romance” que cria lhe faltar.

“CHEIRE OS MEUS LENÇÓIS: CHEIRAM A INCENSO, A CERA DA IGREJA... NÃO CHEIRAM A HOMEM”:

figurações do erotismo em *A Promessa*,
de Bernardo Santareno

Solange Santos Santana – UFBA
professorasolange@hotmail.com

O dramaturgo português Bernardo Santareno (1920-1980) produziu dezenove textos dramáticos que pedem a cumplicidade do leitor ao mesmo tempo em que o resgata da inércia para arremessá-lo em mundos permeados por ironias, crimes, superstições, religiosidade, erotismo, violência, mortes, encontros e desencontros que representam o mundo da marginalização social. Um desses textos teatrais será alvo de minha maior atenção nesta comunicação: *A promessa* (1957). Pretendo nele analisar a relação existente entre erotismo, repressão sexual, morte e religiosidade. Acredito que este texto de Santareno representa, como um todo, o imaginário cristão, o erotismo pecador e envergonhado e tem a morte como

resposta humana à sexualidade reprimida. O dramaturgo aponta esta repressão literariamente, mas se sabe que ela era imposta pelo código de conduta da sociedade portuguesa em que vivia. Nessa linha, vê-se que a morte, aliada à sexualidade, torna-se uma das respostas à repressão dos sentidos e ao “erotismo torturado”, além de configurar-se como o desejo incontido de transpor limites, instaurando, por consequência, o caos no mundo tal qual retratado por Santareno. Ainda, a agressividade e a morte interligadas ao erotismo presentes em *A promessa* podem ser vistos como dados culturais típicos de uma sociedade repressora. Produzindo uma dramaturgia que traz tanto elementos tradicionais do teatro clássico quanto aspectos relacionados a seu tempo histórico-social, o estudo da obra santareniana proporciona também a rediscussão do cânone português, uma vez que sua obra representa a memória coletiva, identificando-se com uma época em que a repressão sexual e as tentativas de anulação da individualidade eram a base para a manutenção de uma ordem que só interessava aos poderes político e religioso.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM OS *LUSÍADAS*, O *SENTIMENTO DUM OCIDENTAL* E *MENSAGEM*: uma breve (re)discussão do Cânone

Sônia Maria de Araújo Cintra – USP
sonia.cintra@terra.com.br

A relação de forças entre os elementos épicos e líricos dos três poemas, a saber, *Os Lusíadas* de Luís de Camões, *O Sentimento dum Ocidental* de Cesário Verde e *Mensagem* de Fernando Pessoa evidencia o quanto foi necessário alargar os limites da razão humana em decorrência das navegações e descobrimentos dos portugueses no século XVI, reiterando de diferentes modos a história trágico-marítima de Portugal, cantada em versos. Partindo de breve enfoque espaciotemporal, multissecular, que abrange do início à fase terminal do processo de dissolução do império, e da sucinta análise da estrutura compositiva e elementos da linguagem, ora embalada pelo sopro épico ora pela narrativa lírica, esta comunicação quer apontar algumas aproximações e distanciamentos entre os referidos poemas, para ressaltar que, junto com o alargamento da razão vem outro alargamento: o alargamento da melancolia provocada pelas perdas e sofrimentos, que as empresas marítimas causaram ao povo português, e

seu significado nos dias atuais. Nesse sentido, a (re)discussão do cânone literário na formação da poesia portuguesa moderna, em termos de contraposição e ressonância da tradição, de angústia da influência e autonomia, faz-se essencial à compreensão do que os aproxima e os distancia, enquanto textos poéticos, e no diálogo com a contemporaneidade.

A FANTÁSTICA LITANIA DA LINGUAGEM EM *SÔBOLOS RIOS QUE VÃO*, DE LOBO ANTUNES

Sônia Maria Vasques Castro – UFAM
soniamvc@hotmail.com

Esta comunicação, além de refletir sobre a importância da linguagem, situando-a como elemento revelador da expressão da alma humana, tem como propósito identificar alguns traços da moderna narrativa fantástica na obra *Sôbolos Rios que Vão*, do romancista português António Lobo Antunes. Para tanto, serão tomadas, no que diz respeito à linguagem, as opiniões de Martin Heidegger, Arcângelo Buzzzi, bem como as de Tzvetan Todorov, um dos iniciadores dos estudos culturais, e de Karin Volobuef, para quem a modalidade remonta ao romance gótico (gothic novel) surgido no século XVIII. Ela considera que o fantástico foi sendo paulatinamente depurado ao longo do século XIX e chegou ao XX com uma escritura que prima pela sutileza do arsenal narrativo e do enredo mais condensado, onde transportou-se para a linguagem. A hipótese será complementada a luz do pensamento de outros estudiosos da obra de Lobo Antunes como da ensaísta Ana Paula Arnault, que aponta para um processo de ressimplicação vocabular, especialmente na obra do autor em estudo, capaz de dizer muito ainda que quase dispense o uso de adjetivos, metáforas e outras piruetas técnicas e que por isso mesmo cabe na definição do jornalista Carlos Reis: uma obra consabidamente complexa, sinuosa e no limiar do hermetismo.

TAL ADÃO QUAL COSTELA, AS PERSONAGENS FEMININAS DE *O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS*

Soraia Lima Arabi – UFMT/UnB
slarabi@uol.com.br

No conjunto da obra da romancista Lídia Jorge, uma das temáticas recorrentes é a condição feminina, particularmente na tradicional sociedade portuguesa. No romance *O vento assobiando nas gruas*, a romancista apresenta uma galeria de mulheres que, com raras exceções, representam a naturalização da condição feminina, a incorporação do discurso de uma sociedade que organiza os papéis de gênero de forma tal, que as mulheres pactuam com ele e reproduzem-no, quando não o amplificam. Este estudo visa mostrar como as personagens femininas atuam na perspectiva de cumprir o ciclo: crescer, casar, ter filhos, zelar pelo lar etc., mesmo que signifique abdicar de valores éticos, ou erigir máscaras sociais para seus parceiros de diminuta estatura, conforme desvela a narradora-autora.

DIZENDO POEMAS E NARRATIVAS NO PROJETO FIO DE LINHO DA PALAVRA: a expressão verbal e corporal

Suely Barros Bernardino da Silva – UEA
lyseu2000@hotmail.com

Proponho-me a relatar os resultados de minha experiência como coordenadora do Projeto Recital de Textos Poéticos: Dramatização de Prosa e Poesia, aprovado pela PROEX, Pró-Reitoria de Extensão da UEA, e executado no primeiro semestre de 2012, com meus orientandos Izabel Matos da Silva Brasil e Daniel da Silva Macedo. O mencionado projeto teve como objetivo geral desenvolver a habilidade interpretativa de textos literários e como objetivos específicos mostrar a importância da fluência verbal e não-verbal, além de ensinar estratégias para dramatizar poemas e trechos de prosa de escritores de língua portuguesa - brasileiros, portugueses e africanos. O público alvo constitui-se dos discentes voluntários do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas. Esse projeto vinculou-se, no período acima citado, ao Fio de Linho da Palavra, projeto de pesquisa em andamento e coordenado pela professora Rita Barbosa de Oliveira, do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da UFAM, do qual participei como pesquisadora externa. Proponho-me, ainda, a

apresentar o quadro teórico utilizado, os preceitos de Claude Renaud, em *Linguagem do silêncio*: a expressão corporal, de Pierre Weil e Roland Tom-pakow, em *O corpo fala*, como também fotografias de parte das atividades.

SILVESTRE DA SILVA: um romântico diante da realidade

Tânia Rodrigues Prado – UEA

taniaprado87@gmail.com

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ

veronicaprudente@yahoo.com

A presente comunicação tem por objeto de estudo a obra *Coração, Cabeça e Estômago*, de Camilo Castelo Branco. Pretende-se analisar o comportamento e as aventuras do personagem/narrador Silvestre da Silva que observa e questiona, através de seu percurso na narrativa, a sociedade portuguesa do século XIX. Silvestre vive em um estado de angústias e temores, numa sociedade muito ligada à religiosidade e aos “bons costumes”. Diante destes questionamentos, elegemos algumas reflexões em torno das representações da obra literária como fonte para a história e a ligação entre Literatura e História. Desta forma, podemos analisar o cenário sócio-cultural, sócio-político e sócio-econômico das diferentes classes existentes no século XIX sob o ponto de vista de Silvestre. Através de seus caminhos e descaminhos, observamos uma crítica social contundente e mordaz que focaliza, sobretudo, a hipocrisia social, tema que permanece atual na sociedade contemporânea. Outrossim, investigamos a inserção dos mitos do amor, da razão e do prazer em relação a diferentes aspectos da vida de Silvestre e das mulheres que encenam os diferentes amores vividos pelo protagonista.

CORPOS (IM)/(PRE)VISÍVEIS NA POESIA DE ANA PAULA TAVARES E MARIA TERESA HORTA

Tatiana Pequeno – UFRB

tatianapequeno@gmail.com

O objetivo desta apresentação é analisar, a partir de certas perspectivas de gênero e identidade, poemas de Ana Paula Tavares e Maria Teresa Horta, autoras que reelaboram alguns lugares do feminino. A metodologia empregada para o desenvolvimento deste trabalho serão leitura e análise tanto de poemas das autoras já mencionadas como de textos teóricos que versem sobre a temática em questão. Considerando que ambas

partilham de um universo lusófono – o que em alguma medida as aproxima mas também as aloca em posições refratárias – desejamos investigar que contribuições estas poetisas oferecem para uma possível (e aqui brevíssima) cartografia da sexualidade feminina no espaço das literaturas de língua portuguesa no cenário pós-moderno. Não obstante, tencionamos compreender em que medida esta dicção poética atua em possibilidades de representação e política, conforme as problematiza Judith Butler, em *Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade* (1990), ao se referir sobre a necessidade de uma linguagem mais ou menos legítima da(s) voz(es) feminina(s) a fim também de questionar e historicizar o espaço das previsibilidades atribuídas ao feminino e a seus corpos líricos.

TÓPICAS CLÁSSICAS E LÍRICA MAIOR NOS AUTOS ANÔNIMOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI

Thiago de Moura Andrade – UFBA/CNPq
newthie@gmail.com

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq
marciomuniz@uol.com.br

Este trabalho vincula-se ao Grupo de Pesquisa “Texto em cena”, coordenado pelo professor Márcio Ricardo Coelho Muniz, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, e é fruto de um Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica, recentemente iniciado. O estudo de obras relacionadas com a tradição do teatro de Gil Vicente levou ao interesse por autos anônimos, publicados pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa, com edição aos cuidados do professor José Camões. Esses autos ainda são pouco conhecidos, embora de grande interesse para a história do teatro português, por isso estudá-los tornou-se o foco do projeto e de minha pesquisa. Por outro lado, os estudos sobre “Tópicos clássicos” feitos por Ernest Curtius despertou-me o interesse em demonstrar e investigar a prática de seu uso, enquanto recurso retórico, nos autos anônimos que estudo. Esta comunicação será um relato de pesquisa em desenvolvimento, tomando como base a análise de dois autos quinhentistas anônimos. Buscarei analisar tópicos amorosos presentes nos autos e demonstrar suas relações com a denominada lírica maior. A importância deste estudo centra-se na maior difusão de um teatro ainda pouco estudado, no resgate de uma cultura e de uma tradição teatral importante para os estudos do texto teatral em língua portuguesa.

A CRÍTICA À SOCIEDADE MEDIEVAL PORTUGUESA NO AUTO DA BARCA DO INFERNO DE GIL VICENTE

Thyaggo Kauwhê José Leite Mesquita – UFAM
thyaggokauwhe@hotmail.com

Maria Sebastiana de Moraes Guedes – UFAM
msmguedes@yahoo.com.br

Gil Vicente, dramaturgo português de grande importância na literatura, desenvolveu o gênero dramático em Portugal nos aproximadamente 47 autos que escreveu. O objetivo desses autos era criticar a sociedade portuguesa medieval da época usando elementos como a sátira, a ironia e a alegoria, dando vida à imitação daquele contexto social. Para isso, alia-se ao Humanismo usando-o como instrumento de captura daquela realidade, sem deixar de lado a sua ideologia primeira, o medievalismo. Especificamente no Auto da Barca do Inferno, observa-se o uso dessa dualidade de pensamentos quando critica de modo claro os corruptos e os burladores das regras sociais e morais, com exceção dos quatro cavaleiros, pois estes morreram em nome da Santa Igreja e com isso, merecem ser levados ao Paraíso pelos anjos. A análise literária desse texto se torna necessária para verificar o processo de criação do projeto de crítica social de Gil Vicente. É por meio dele que conhecemos as relações inter-sociais, ideologias, vícios e costumes da sociedade portuguesa de sua época.

RELAÇÃO ENTRE LITERATURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA: representações da inquisição em Miguel Torga

Vagner da Silva Ferreira – UEFS
vagner.sferreira@hotmail.com

Pretende-se, com este trabalho, fazer uma reflexão sobre os aspectos referentes à relação entre história, memória e literatura. Para tanto, far-se-á uma discussão, com base em diferentes teóricos, como Jacques Legoff, Adeílato Pinho, Maria Aparecida Bacega e Hayden White, da complexa relação entre literatura e história e, ainda, a utilização da memória para a construção dos textos nessas duas áreas, ressaltando o caráter ficcional que constitui, mesmo em graus diferentes, o texto da história e o da literatura. Assim, se o historiador transpõe para texto um acontecimento no qual ele está distante, e sempre estará, a história então é a tentativa de aproximar

esses eventos, tais quais ocorreram, do leitor. O texto literário também pretende aproximar o leitor de uma série de fatos, no entanto, ficcionais. A ficcionalidade do texto literário foi vista, por muito tempo, como um aspecto que retirava a literatura do olhar da história, enquanto ciência, bem como a considerava alheia às práxis sociais. Por fim, busca-se, uma reflexão sobre a memória histórica como elemento presente no texto literário, para isso será feita a análise do conto “O Alma-Grande”, de Miguel Torga, no qual serão apontados os aspectos referentes a inquisição, e por isso históricos, presentes na narrativa estudada, que se revela uma reinvenção de um fato histórico sob o prisma da estética literária.

AMOR E EROTISMO NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Valéria Menezes – UEA
valeria_menezes@globo.com
Otávio Rios – UEA
otavorios@gmail.com

Numa época em que o feminino se pronunciava nos moldes impostos pela sociedade, Florbela Espanca desponta com um novo tom, um novo olhar e, de certa forma, revolucionaria. Com uma temática que ultrapassa o bem-querer, a autora dá voz aos sentimentos mais íntimos e ocultos da mulher, até então vista como sinônimo de passividade. O texto constitui uma reflexão sobre as marcas do amor e do erotismo na escrita lírica florbeliana, a partir dos conceitos de Georges Bataille e Octávio Paz. Florbela Espanca representou uma classe que flamejava mudanças, e foi na literatura que encontrou o sentido de sua existência.

O JOGO METALINGUISTICO NA POESIA DE TANIA TOMÉ E DE ARNALDO ANTUNES

Valéria Moisin de Araújo – UFAM
vmoisin@gmail.com
Cláudio Sampaio Barbosa – UFAM
tassocsb@yahoo.com.br

A partir do conceito de “inconstância”, de Roland Barthes, especificamente em seu livro *Crítica e Verdade*, a qual dá liberdade a constante reformulação da linguagem literária, faremos um paralelo com a poesia *Nome* do livro homônimo de Arnaldo Antunes, escritor, cantor, compositor

e a poesia *Showesia* – poema vivo, do livro *Agarra-me o sol por trás* (e outros escritos & melodias), da moçambicana Tânia Tomé, poeta, cantora e compositora. O conteúdo propõe um percurso pelo universo da metalinguagem, onde mostraremos os jogos linguísticos dos vídeos em que cada poeta performatiza seu texto. Este estudo corresponde ao resultado parcial da investigação da proponente do banner, sendo a mesma discente voluntária no Projeto Fio de Linho da Palavra, vinculado ao Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas.

MIGUEL TORGA (1907-1995): imigrante adolescente na Zona da Mata Mineira

Vanda Arantes do Vale – UFJF
vandaval@acessa.com

Miguel Torga é o pseudônimo do médico e literato português Adolfo Rocha. Foi poeta, contista, memorialista e escreveu romances, peças de teatro e ensaios. As Memórias do autor estão no livro *Criação do Mundo* e nos *Diários* (16 volumes). A proposta da Comunicação é destacar, na obra torgueana, o período em que o autor imigrou para o Brasil, aos treze anos, onde trabalhou em uma fazenda de café no município de Leopoldina (1920) e seu retorno a Portugal, aos dezoito anos (1925). O período foi reconstituído no texto *Criação do Mundo*. O livro trata das Memórias de Miguel Torga que foram publicadas no período de 1937 a 1981 com títulos que, fazem analogias da vida do autor com o texto bíblico. O *Segundo Dia* (1937) e o *Terceiro Dia* (1938) tratam da imigração, as experiências em fazenda de café, os estudos em Leopoldina e o retorno a Portugal. A Comunicação busca identificar o contexto histórico de Portugal e do Brasil (1920-1925) e de como este se faz presente na escrita de Miguel Torga.

CAMPO X CIDADE: análise da paisagem através de uma leitura de *A Cidade e as Serras*

Vanessa Soeiro Carneiro – UFMA
vanessasc15@hotmail.com
Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA
marciamanir@hotmail.com

Diplomata e escritor, Eça de Queirós nasceu na cidade de Póvoa de Varzim em Portugal. Entre suas diversas obras, está o livro *A Cidade*

E As Serras. O objetivo desse trabalho é analisar a forma como a *paisagem* é percebida em diferentes momentos do romance e de que maneira as experiências e os sentimentos das personagens influenciam no processo de *percepção* do espaço. Dessa forma será traçado um paralelo entre Literatura e Geografia, a partir do viés humanista-cultural. Para melhor análise da obra, serão utilizadas noções acerca de *espaço*, *lugar*, *paisagem*, *topofobia* e *topofilia* desenvolvidas pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan.

HAGIOGRAFIA NOS AUTOS DE AFONSO ÁLVARES: um olhar além da devoção popular

Verônica Cruz Cerqueira – UFBA/CNPq
veucruz@gmail.com

Márcio Ricardo Coelho Muniz – UFBA/CNPq
marciomuniz@uol.com.br

O dramaturgo Afonso Álvares é um dos quatro maiores autores da denominada *Escola Vicentina*, denominação dada por Teófilo Braga denominação a autores e textos contemporâneos ou posteriores a Gil Vicente que em suas obras seguem a temática, o estilo ou a estrutura dos autos vicentinos (BRAGA, 2005 [1898]). De Álvares chegaram até nós quatro autos de caráter hagiográficos, isto é, textos que são fundamentados na vida ou nos milagres dos santos, e que são os seguintes: *Auto de Santo Antônio*, *Auto de Santa Bárbara*, *Auto de Santiago* e o *Auto de São Vicente*. O estudo destes autos busca identificar e interpretar questões sociais contemporâneas ao dramaturgo, mediante o discurso religioso que os fundamenta. Verifica-se que os autos têm temas diferentes, uns referem-se aos milagres realizados pelos santos; enquanto outros apresentam seus martírios, com suas próprias personagens e enredo, mas sempre fomentando discussões a cerca de questões cadentes à época do teatrólogo. A unidade temática conferida pelo caráter religioso existente nas obras de Afonso Álvares possibilita que façamos inferências sobre como funcionava a sociedade portuguesa de meados do século XVI. Sendo assim, neste trabalho, vamos observar tais características no *Auto de Santa Bárbara* e no *Auto de Santo Antônio*, os dois autos de Álvares que maior publicação e representação tiveram.

O REVERSO DO ESPLENDOR:
memórias, solidão e morte em *O esplendor de Portugal*
de António Lobo Antunes

Veronica Prudente Costa – UEA/UFRJ
veronicaprudente@yahoo.com

No romance antuniano escolhido para o presente trabalho, encontramos os retornados de Angola, os filhos de uma família colonial expoliada de uma fazenda de algodão pelas tropas revolucionárias após o período da independência e da implantação da guerra civil. Subjetividades malogradas manifestam-se nos diversos capítulos, em primeira pessoa, e Isilda, a mãe, a única que ficou na terra africana, termina sendo executada. Focalizamos a experiência da guerra em África captada pela memória e pela reminiscência, o retorno frustrado à pátria, o cruzamento de tempos e existências de sujeitos solitários e tristes, fadados a diferentes tipos de morte. Utilizamos como aporte teórico para este estudo os textos de Jacques Le Goff, Stuart Hall, Linda Hutcheon e Marcio Seligmann Silva.

A PRESENÇA DE NIETZSCHE NUM CONTO
DE ANTÓNIO PATRÍCIO

Ytanajé Coelho Cardoso – UEA/FAPEAM
ytanaje_2011@hotmail.com
Otávio Rios – UEA
otavorios@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise do conto “Diálogo com uma água” do contista, dramaturgo e poeta português António Patrício, refletindo acerca do homem decadente do final do século XIX e início do século XX, e em seguida tentar traçar um paralelo, ainda que preliminarmente, entre o niilismo dos textos nietzschianos e esse ao qual nos propomos a analisar aqui. Este artigo é resultado de alguns meses de leituras e reflexões propostas pelo PAIC-AM-2012, com financiamento da FAPEAM, cujo título “Ruínas Finisseculares: a escritura decadentista de António Patrício” nos incitou, de fato, a um diálogo com a estética desse período no qual os valores se perdem numa sociedade solapada por uma crise de razão em que o dito progresso não passa de um delírio da vontade humana. Portanto, elencaremos neste artigo algumas convergências entre o pensamento de Nietzsche e o conto de Patrício.

UEA
Edições

Este livro foi impresso sobre papel Polén Soft 75 gramas (miolo) e cartão triplex 300 gramas laminação fosca(capa), em caracteres Book Antiqua, formato 14x21 cm, pela Grafisa Gráfica e Editora Ltda para a Editora Universitária da Universidade do Estado do Amazonas, em novembro de 2012.